



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA**

**VICTOR CHACON DA SILVA PESSOA**

**BAIRRO DO ROGER EM JOÃO PESSOA-PB: O LUGAR E SUAS  
PRÁTICAS CULTURAIS**



**Fortaleza  
2012**



**VICTOR CHACON DA SILVA PESSOA**

**BAIRRO DO ROGER EM JOÃO PESSOA-PB: O LUGAR E SUAS  
PRÁTICAS CULTURAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre sob a orientação do Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior

**Fortaleza  
2012**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Estadual do Ceará  
Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho**

P475b Pessoa, Victor Chacon da Silva  
Bairro do Roger em João Pessoa PB: o lugar e suas práticas culturais / Victor Chacon da Silva Pessoa. – 2012.  
111f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro Ciências e Tecnologia, Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia, Fortaleza, 2012.  
Área de concentração: Análise Geoambiental e Ordenamento de Territórios de Regiões Semi-Áridas e Litorâneas  
Orientação: Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior

1. Topofilia. 2. Festas culturais. 3. Bairro do Roger. 4. Geografia cultural. I. Título.

CDD:341.1221



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – CCT  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UECE- ProPGeo



### FOLHA DE APROVAÇÃO

**Nome da Dissertação:** "Bairro do Roger em João Pessoa – PB: O Lugar e suas práticas culturais".

**Data da Defesa:** 11/04/2012

**Nome do Autor:** Victor Chacon da Silva Pessoa

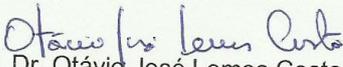
**Nome do Orientador:** Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior  
(Orientador)

Trabalho apresentado ao Programa de Pós Graduação em Geografia – CCT/UECE, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Geografia, Área de Concentração: Análise Geoambiental e Ordenamento de Territórios de Regiões Semi-Áridas e Litorâneas.

#### BANCA:

  
Prof.º Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

  
Prof.º Dr. José Gerardo Vasconcelos  
Universidade Federal do Ceará - UFC

  
Prof.º Dr. Otávio José Lemos Costa  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

... Como ter visão científica de coisas tão próximas, tão comuns, tão normais? Como não se emocionar com fatos que dizem tanto de nós mesmo, de nossos gostos, de nossos prazeres? Como ter visão crítica em relação àquilo que é visto tão naturalmente pela sociedade? Como gostar de uma festa vivê-la, esperá-la o ano todo, e ao mesmo tempo, querer entendê-la? LIMA (2002. p, 11).

Dedico a todos os brincantes do bairro do Roger, pessoas simples e que numa construção coletiva de suas manifestações culturais significam a experiência do viver.

## **Agradecimentos**

Parece que foi ontem, que na minha cabeça vinha o desejo de começar outra graduação e assim motivado com a volta ao convívio acadêmico, tentasse a seleção do mestrado que há tanto adiava, e foram muitas as pessoas que estiveram de mãos dadas comigo nesse percurso, logo meus sinceros agradecimentos a todos vocês:

A turma 2008.2 de Turismo da UFPB, pela inquietude que me fez buscar algo além, em especial a ajuda do professor Elio Flores pela lida inicial e primeiros ajustes do projeto de pesquisa do mestrado;

A Sâmia Bandeira, companheira para todas as horas, a qual compartilhou sonhos que embora percorridos por caminhos distintos nos levassem ao mesmo destino;

A FUNCAP, pela bolsa recebida, sem ela seria muito difícil sobreviver numa cidade que não era a minha;

Ao meu orientador professor Elmo, pela acolhida e aceite de compartilhar comigo esse projeto;

Não poderia deixar de agradecer e reconhecer o apoio de Mariana Goes, que me deu uma semente chamada mestrado em Fortaleza, que plantei com cuidado e hoje colho esse fruto, agradeço pelo companheirismo no mestrado e no mundo junino, ampliando minha admiração pela Quadrilha Paixão Nordestina, e pelas farras por terras cearenses, sem esquecer aquele almoço com baião e cajuína aos domingos antes dos ensaios;

A Laércio Teodoro, Thiago Nascimento, a nega Lorryne Santos, e a Fabiano Barros, pela convivência diária na partilha de meu lar cearense, amenizando as saudades de casa, quando preparamos aos domingos nosso almoço em família ao som dos novos baianos;

A minha caboclinha Lilica, pela amizade e companheirismo, quando lá no Bar do Assis no meio da semana fomos amenizar as aflições que nos consumiam;

Aos amigos de turma, sobretudo a Kinsley Bezerra e Raquel Cavalcante, pela descontração aos fins de tarde no Benfica, a Irmã Odete e Helaine pela simplicidade com que vêm a vida, ao meu conterrâneo Iaponan Cardins, Ícaro de Paiva e Leila pelas conversas durante o descanso do almoço no RU;

A Alice Santos, Rafaella Florencio, Nadja Rinelle, Maria, Léo Cabó, Jonathan Coutinho, Cícero Gonçalo e o pessoal do VEMART, pelas companhias sempre presentes;

Aos professores Daniel Pinheiro, Otávio Augusto, Eluziane Gonzaga, Virgínia Holanda e Zenilde Baima pelas contribuições que fizeram redimensionar meu olhar para o objeto;

A Cleityane Sabino e Karina Souto, pelas descobertas e compartilhamento nas noites facebokianas do misto de sentimentos que é produzir uma dissertação;

A Manuela Fialho pelas discordâncias que só vieram a acrescentar a pesquisa;

A Josilene Lima, amiga dos tempos de escola, que também se tornou geógrafa, pelo apoio cartográfico;

Ao IMBURANA, Grupo de Danças populares da UFPB, pela vivencia com a cultura popular e pelo compartilhamento da amizade de vocês, principalmente as Heleninhas Elída e Laíla.

A Murilo Soares, pelo incentivo nos momentos de inércia;

Aos meus alunos que tantas saudades me deram durante esse período em que precisei me ausentar e que sempre será a razão maior pela busca de nossos conhecimentos, tantas vezes em sala de aula compartilhados;

A minha professora de Geografia do Ensino Médio, Auxiliadora, grande incentivadora para que eu pudesse me descobrir professor de Geografia;

Aos meus depoentes pela confirmação nas entrevistas de que todo esse trabalho valeu à pena.

## RESUMO

Visivelmente antagônico, o periférico bairro do Roger, localizado na porção noroeste da cidade de João Pessoa-PB, apresenta riquezas culturais que perpassam seus estigmas inferiorizadores, muitas vezes lembrado por ser o bairro que abriga um presídio e o antigo lixão da cidade, apresentando uma visão dualista (Alto e Baixo Roger), materializada em sua topografia local, sendo a porção do Alto uma área de ocupação mais antiga e próxima ao centro da cidade, apresentando melhores padrões de residências, enquanto a porção do Baixo, área ocupada próximo ao manguezal, abriga a parcela de menor poder aquisitivo da população, essas áreas distingue-se fisicamente por uma avenida que lhe segrega sócio-espacialmente. É nesse recorte espacial do espaço urbano que surge esse luminoso espaço cultural da cidade. Objetivamos com essa dissertação, compreender o sentido que os moradores do bairro lhe atribuem mediante suas práticas culturais, para isso, lançaremos mão do método etnográfico, onde a partir da vivência com práticas ali representadas, os moradores possam, por meio da história oral, nos contar o significado que lhe é atribuído ao bairro. Assim fazendo, acreditamos que eles acabam por contar uma história sobre si mesmos, onde o cotidiano é trazido a discussão, sendo necessário que o interpretemos a fim de que o bairro possa ser compreendido pela categoria geográfica lugar, e como espaço que abriga não apenas ruas e casas, mas, sobretudo pessoas e suas práticas culturais..

**Palavras Chaves:** Bairro, Lugar, etnografia, topofilia, cultura.

## ABSTRACT

Visibly antagonistic, the peripheral Roger Neighborhood, located in the northwestern city of Joao Pessoa-PB, presents cultural riches that underlie its abashed stigmata, often remembered for being the neighborhood that houses a presidio and the old city's Landfill, so that way presenting a dualistic view (High and Low Roger) materialized in its local topography, where the part Higher is a area oldest and next to the downtown, presenting better residential patterns, while the Lower portion, area near the mangrove, which houses a portion of the population with lowest purchasing power, these areas are distinguished physically by an avenue which secretes socio-spatial. It's in this spatial area of the urban space that comes a shining cultural area of the city. Our objective with this dissertation its understand the meaning that the neighborhood residents give to that through their cultural practices, for this, we will resort to ethnographical method, where from the experience with these practices represented there, the residents may, through the oral history, tell us the meaning assigned to the neighborhood. In doing so, we believe that they end up telling us a story about themselves, where daily life is brought to light, so we must interpret that so that the neighborhood can be understood by the geographical place category, and as a space that houses not only streets and houses, but, above all, people and their cultural practices.

**Keywords:** neighborhood, place, ethnography, topophilia, culture.

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1.</b> Localização da área de estudo.....	<b>27</b>
<b>Mapa 2.</b> Bairro do Roger.....	<b>32</b>
<b>Mapa 3.</b> Manifestações culturais populares do Bairro do Roger.....	<b>62</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Av. Gouveia Nóbrega sentido centro- bairro.....	<b>17</b>
<b>Figura 2</b> - Extração do calcário na pedreira do Sr. Argemiro, no baixo Roger.....	<b>36</b>
<b>Figura 3</b> - Casal de mestre sala e porta bandeira 2011 da Escola de Samba Império do Samba.....	<b>69</b>
<b>Figura 4</b> - A corrida do cordão, uma das brincadeiras realizadas nos pavilhões.....	<b>76</b>
<b>Figura 5</b> - Quadrilha Junina Lageiro Seco espetáculo 2009.....	<b>85</b>
<b>Figura 6</b> – Igreja de Santa Terezinha e Paróquia de Santa Rita de Cássia. ....	<b>89</b>
<b>Figura 7</b> - Corrida de argolinha na Comunidade do S.....	<b>93</b>

## TABELA

<b>Tabela 1</b> - Os múltiplos aspectos que envolvem a produção artística cultural das quadrilhas juninas.....	<b>87</b>
--	-----------

## **LISTA DE SIGLAS**

**CFH-UFSC** - Centro de Filosofia e Humanidades- Universidade Federal de Santa Catarina

**CPTRAN** - Companhia de Policiamento de Trânsito

**FUNESC** - Fundação Espaço Cultural

**FUNJOPE** - Fundação Cultural de João Pessoa

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IHGP**- Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba

**ONG**- Organização Não-Governamental

**PMJP**- Prefeitura Municipal de João Pessoa

**SUPLAN** - Superintendência de Planejamento

**UECE** - Universidade Estadual do Ceará

**UEL** - Universidade Estadual de Londrina

**UFC** - Universidade Federal do Ceará

**USP** - Universidade de São Paulo

**UFPB** - Universidade Federal da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1- (RE) CONHECENDO O LUGAR.....</b>	<b>19</b>
1.1 – Caminhando no Roger.....	20
1.2 – De foreiro a festeiro: o surgimento de um bairro.....	22
1.3 – O Roger numa perspectiva geográfica.....	33
<b>2 – ROGER: UM LUGAR PLURAL.....</b>	<b>39</b>
2.1 – Formulando a compreensão do bairro enquanto lugar.....	42
2.2 – Uma conversa na calçada enquanto crianças pelas ruas brincam: As práticas cotidianas.....	47
2.3 – Roger, seus moradores e suas fragmentações.....	51
<b>3 – SAMBANDO E XAXANDO PELAS RUAS DO ROGER VOU FESTEJANDO.....</b>	<b>55</b>
3.1 – As festas no Roger: uma abordagem geográfica.....	56
3.2 – Quem disse que o Roger não dá samba?.....	63
3.2.1 – A família Brito e a Catedráticos do Ritmo.....	65
3.2.2 – A Império do Samba e sua ação social.....	67
3.3 – Xaxando pelo bairro: Uma abordagem dos seus festejos juninos.....	72
3.4 – As festas Religiosas.....	88
3.4.1 – Outras práticas culturais do bairro.....	91
<b>4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>95</b>
<b>5 – REFERÊNCIAS.....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICES</b>	
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

O Roger é como se fosse um bairro de uma única família, o povo não quer sair daqui, se conhecem desde criança, nas vilas os donos dos quartinhos só alugam para conhecidos, quando a família ta próxima num tem quem queira se separar. Ele é um pedaço de mim, faz parte da minha vida, tem o que eu espero num bairro... Ele mim completa, eu o vejo como um irmão, um camarada de quem eu necessito e que complementa minha família, eu conheço todas as ruas deste lugar e em todas elas tenho quem me conheça, então, o que esperar de um bairro que parece da minha família?  
(João Batista<sup>1</sup>)

Diante um mundo globalizado que busca uniformizar a sociedade seguindo um padrão “American Way of Life” <sup>2</sup>, discute-se cada vez mais a necessidade de se rever as relações fronteiriças entre a cultura local e global. Sendo a temática, esfera de conflitantes debates, de um lado ela nos apresenta uma contraditória pluralidade e massificação cultural, que tende a direcionar o mundo para a criação de uma grande aldeia global, e de outro, a temática demonstra a necessidade de afirmação local, muitas vezes criando nacionalismos exacerbados onde espaços se fecham para o novo mundo globalizante.

Nesta discussão faz-se pertinente compreender como a população do Bairro do Roger em João Pessoa-PB, concebe as práticas culturais nele desenvolvidas, permanecendo ali com efervescência e significância para seus brincantes que por sua vez agregam elementos de espetacularização típica da sociedade de consumo, não perdendo no presente sem até o presente a continuidade das práticas culturais que, assim como seus produtores e produtos, são também dinâmicas.

Este estudo busca valorizar o cotidiano dos moradores em suas práticas culturais e como estas práticas constituem um elemento criador de identificação entre eles. Sendo pertinente enquanto um recorte cultural do meio urbano, contribuindo para reforçar a cultura como elemento congregador dos

---

<sup>1</sup> Morador do bairro, historiador autodidata. Entrevistado em 30 de março de 2011.

<sup>2</sup> A expressão consiste na idéia de consumo excessivo apresentado na sociedade norte americana e que se difunde mundialmente, sobretudo no segmento cultural.

moradores do bairro em estudo, suscitando o reconhecimento de tal recorte espacial da cidade como lugar, carregado de significâncias que parafraseando Geertz (1989), está sendo tecida pela própria comunidade, que concomitantemente a cria e a (re) significa. A pesquisa torna-se relevante também por ser vista como fonte de referência para a escassa produção bibliográfica de cunho geográfico sobre os bairros da cidade, em específico se tratando do Roger, quando por vezes foi lembrado por essa ciência fundamentando-se em estudos a cerca dos impactos socioeconômicos que o extinto lixão que ali existia acarretava.

Destarte, se pensar sobre a história de um lugar é fazer ligação indelével a seus moradores, pois são eles que com suas práticas cotidianas tornam-se responsáveis pela transformação do espaço que habitam em lugar os dando vivacidade.

Diante do objeto de estudo nos indagamos no seguinte questionamento que será nosso guia por toda a pesquisa: Como as práticas culturais desenvolvidas no bairro colaboram para que seus moradores sintam o sentimento de pertença pelo bairro, o reconhecendo como lugar?

O desenvolvimento da análise nos levará a compreender o significado e sua representação atribuídos pelos moradores do bairro ao fato de vivenciarem aquele espaço, sendo suas práticas culturais, fator propiciador de sentimento de pertença bem como elemento colaborador para a formação da espacialidade do bairro, assim como seus aspectos físicos que os relacionaremos com o seu processo de ocupação e construção de seus lugares, inventariaremos e significaremos baseados em relatos de seus brincantes, as manifestações culturais existentes no bairro a fim de verificarmos se o conceito de topofilia<sup>3</sup> pode ser ali aplicado.

Como unidade geográfica, temos o bairro do Roger inserido na porção noroeste da cidade de João Pessoa e que apresenta uma população de 11.115 habitantes. (IBGE. 2007), bastante estigmado por abrigar em sua área o antigo lixão da cidade e um presídio, o bairro revela, grandes distinções sócio

---

<sup>3</sup> O termo criado pelo geógrafo Chinês Yi-Fu Tuan (1980), significa “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. É um conceito difuso, mas concreto como experiência pessoal.

econômicas entre suas porções alta e baixa, sendo a cultura um elemento de forte coesão entre seus habitantes que através dessas práticas se socializam.

O período de nossa investigação se inicia no final da década de 1930, época esta em que o espaço ainda não havia ganhado elevação a bairro, o mesmo só vindo acontecer na próxima década. Optamos por esse marco temporal inicial por ter sido o marco do carnaval no bairro, sua primeira manifestação cultural.

Cabe salientar a visão dicotômica, que por vezes o bairro ainda é visto tanto por seus moradores como pelos demais habitantes da cidade, no que diz respeito a sua visibilidade, onde a porção alta é vista como classe média, com ruas largas, bem distribuídas, e com residências de boas estruturas, além de sua proximidade com o centro da cidade, sendo na verdade uma extensão sua, enquanto a baixa como área de classe economicamente inferiorizada, situada próxima ao manguezal, ela abriga o antigo lixão da cidade e uma penitenciária, estigmatizando-a como suja e violenta, características, essas que predominam na caracterização do bairro como um todo na visão dos moradores da cidade, embora nele a cultura popular encontre campo fértil para a sua produção. O limite visível entre as duas porções se dá com a abertura da construção da Avenida Beira Mar, que a partir de 1939 passou a ser nomeada Avenida Gouveia da Nóbrega (ver figura 1), conforme afirma Aguiar (2002) e que para a população assinala o marco limítrofe entre as porções alta e baixa do bairro, sendo essa avenida atravessada por ruas que se situam nas duas porções do bairro, porém recebendo o mesmo nome, como as ruas Pedro Ulisses e Frederico Chopin.

Valemo-nos do método etnográfico para essa compreensão. Sendo os moradores os construtores da própria história do bairro, que através de uma etnografia de seus lugares nos dará consciência do seu cotidiano.



**Figura 1**

Av. Gouveia Nóbrega sentido Centro - bairro.  
Fonte do autor. Out-2010

Com o intuito de responder a esses questionamentos surge essa pesquisa, que se encontra distribuída em três partes.

Em sua primeira parte mostramos o bairro enquanto descoberta para o pesquisador, as experiências ali concretizadas e que acabaram por tornar o bairro, o objeto de estudo desta pesquisa, nessa parte justificamos a escolha do método etnográfico para condução da pesquisa que acentua o papel dos moradores para a construção de sua história.

Na segunda parte, o bairro se apresenta com toda a pluralidade, sendo suas práticas cotidianas reveladas, apresentando-nos a riqueza de coisas aparentemente banais como o fato de sentar a calçada para bater um papo ao fim da tarde, revelando a sociabilidade que ali permanece. Os moradores aparecem ora como atores, ora espectadores da construção das ações diárias no bairro. Nesta parte, trabalhamos as fragmentações do bairro, sejam elas visíveis, ou apenas sentidas pela sua população.

Na terceira parte nos valeremos das representações culturais existentes no bairro. Estas serão inventariadas e explicadas pelas falas dos brincantes,

para assim fazermos uma leitura geográfica e registrarmos no livro de sua história, sendo escrito uma narrativa dos moradores do bairro, que escrevem sobre si mesmos, fazendo brilhar os olhos dos leitores que também são escritores, e que, com sua leitura, reconhecem o sentimento de que aquele é sim o seu lugar.



## 1- RECONHECENDO O LUGAR



Veze em quando me pego olhando o chão  
Esse chão terroso do lugar onde eu nasci  
Às vezes só me acostumando ao silêncio,  
Às vezes pensando no privilégio de a gente ter  
uma raiz  
Ter brotado do ventre daquele lugar  
E aberto os braços para o mundo  
E aquela voz interna, silenciosa dizendo:  
Esse chão me pertence!  
Foi nele que eu arrisquei meus primeiros  
passos  
E depois vieram outros e outros tantos passos.  
Passos que me levaram e hoje me trazem de  
volta aqui.  
E percebi que o céu era tão alto  
Que deveria haver muito mais de chão  
Pra eu conquistar e prosseguir.  
(Elba Ramalho)

## 1.1 CAMINHANDO NO ROGER

Uma dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam. (BERGER in SANTOS, 2009, p.315).

Há tempos que o bairro do Roger - João Pessoa-PB me preenche de sentidos, estes aguçados quando fui envolvido no mundo de suas quadrilhas juninas despertando espontaneamente minha percepção e curiosidade, integrando-me e acolhendo-me como um de seus moradores. Fato que levou esse bairro, a ser, desde a graduação, o loco de minhas pesquisas. A “piori” compreendendo as (re) significações dadas por seus moradores aos festejos juninos ali vivenciados. Este “a priori” norteou e ampliou futuros projetos para que pude-se entender as demais práticas culturais ali existentes, bem como interpretar o rico cotidiano de seus moradores, dessa forma, pude vislumbrar o sentido de lugar, ou seja o sentido que a população atribuía aos seus espaços.

Embora muito próximo do centro da cidade o Roger sempre me pareceu muito longe, já que sua área de limite com o centro não apresentava atratividade para quem estivesse a andar por ali. O bairro passava a ganhar certa visibilidade se apresentando para a população da cidade aos fins de semana e feriados, quando cheguei a ir várias vezes em minha infância a Bica, nome do mini-zoológico que ali se encontra. Era um tempo em que nas duas grandes piscinas ainda se podia tomar banho, assim como fazíamos nos grandes chuveiros a sua volta, que mais pareciam cachoeiras. Passávamos o domingo inteiro ali, as atividades eram muitas, fazíamos piqueniques, observávamos os animais, brincávamos no parque, explorávamos cada detalhe de um avião antigo que havia lá para exposição, e ainda, esporadicamente assistíamos as atrações musicais e os palhaços que a administração propiciava.

Hoje, a frequência de sua visitação muito se reduziu se compararmos aquela época do início dos anos 1990, sobretudo por eventuais assaltos

existentes em suas trilhas, além do fraco movimento de pessoas na área de acessibilidade ao parque.

Outra forma de visibilidade do bairro do Roger é quando o acesso ao centro da cidade pelo Parque Sólon de Lucena era interrompido por manifestações sociais, populares e sindicais e demais eventos promovidos pela prefeitura como festas e eventos esportivos, fazendo com que os transportes coletivos desviassem o seu percurso, para que pudessem chegar até a parte baixa da cidade. Assim, adentrávamos pelo Roger que tinha simbolicamente como portão uma grande área verde, a Bica<sup>4</sup>, e seguíamos descendo a Avenida principal do bairro, que até então para mim era vista como a “Rua da Bica” e que anos depois viria, a saber, que se chama Gouveia da Nóbrega. Descíamos por ela e ao longe conseguíamos avistar pelo lado esquerdo da janela do ônibus o presídio e o antigo lixão da cidade que era envolto por um grande tapete verde, seus manguezais. O bairro para mim era apenas um local observado, porém ainda não visto.

No final do ano de 2003, fui convidado para visitar o ensaio de uma quadrilha junina do bairro, que embora ensaiasse no vizinho bairro do Tambiá, acabava fazendo com que seus brincantes se deslocassem até ele para reuniões da quadrilha e possíveis ensaios, quando a escola não estava disponível. Assim, passei a integrar o grupo vindo a dançar nessa quadrilha no mesmo ano, foram essas idas e vindas que me fizeram começar a conhecer os espaços do bairro, quer seja para ir à casa de algum componente da quadrilha, beber água nos intervalos do ensaio, tirar medidas do figurino na casa de costureiras ali residentes, ou fazer um lanche nos seus mercadinhos ou lanchonetes. De forma que, sem me dar conta, estava ocorrendo uma mútua entre o bairro e eu. Foi assim, que passei e que me sinto hoje como um de seus moradores, dada a frequência com que até hoje ali estou, bem como ao apego que tomei por aquele espaço. Nesse mesmo ano, ingressei na faculdade cursando Geografia e já no primeiro semestre na disciplina de Antropologia

---

<sup>4</sup> Bica é o nome mais conhecido pela população do Parque zoobotânico Arruda Câmara e que assim é conhecido em virtude de uma fonte natural de água potável em seu centro. É tombado pelo IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba) desde 26 de agosto de 1980.

Cultural, decidi por pesquisar os festejos juninos desenvolvidos no bairro e que com fervor vivenciava, tornando-o além de um lazer, objeto de estudo, tanto que resultou em monografia final da graduação.

Transcorrido o tempo de visão e não mais apenas observação sobre o bairro, ele continua sendo o lócus de minha pesquisa, vivenciando ainda seu cotidiano, sobretudo o do período junino, vendo-o como fio condutor para a construção da dissertação que ora se constrói. Após essa evolução acadêmica por mim experienciada, precisei redimensionar o objeto, reobsevando-o, perpassando o olhar sobre o bairro, sobre o que já foi dito, para que assim possa ver o que ainda estar para ser descoberto, tendo como foco agora entender como as práticas culturais desenvolvidas no bairro colaboram para que seus moradores o vejam como lugar, uma vez que o lugar que nos apropriamos é o lugar que nos identificamos.

## **1.2 DE FOREIRO A FESTEIRO: O SURGIMENTO DE UM BAIRRO**

Pensar em estudar a cidade em plena contemporaneidade é um grande desafio, sobretudo pela dificuldade da abordagem apenas sob uma ótica, a cidade precisa ser visualizada para além de um lócus da concentração populacional, do poder, dos serviços. A cidade precisa ser pensada como local de produção, centralização e difusão das idéias. A evolução na maneira de pensar a cidade é um processo decorrente da própria evolução da cidade que, com o seu crescimento, exige novos olhares que busquem compreender sua dinamicidade.

A cidade precisa ser pensada como produtora de significados individuais e coletivos, frutos das vivências e experiências dos usuários com o espaço. É preciso se pensar a cidade humana, onde as pessoas sejam elementos constituintes dela, como nos propõe RACINE (1996, p.21):

Encontra-se nesse caso, uma verdadeira Geografia da vida cotidiana da cidade, a busca de tudo aquilo que tece a trama, a riqueza do mundo vivido, em outros termos, nossa experiência do meio urbano e do sentido dos lugares.

O período pós- guerras nos desperta para uma visão geográfica que consiga dar conta da realidade do mundo. Realidade que não é possível sob o

viés econômico e espacial, é preciso que ela se volte para a dimensão interior da humanidade e que junto com ela se pense na forma como se estabelece e significa sua relação com o meio.

O homem, enquanto elemento constituinte da cidade torna-se nela sujeito, ganhando fala e não apenas descrição por outra fala. Assim, nossa função enquanto pesquisador é a de construir uma fala mediante a interpretação da fala do sujeito, que Calvino (1990. p.59-60) com sua idílica cidade de Olívia nos apresenta:

Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve; Contudo existe uma ligação entre eles. [...] A mentira não está no discurso, mas nas coisas.

A citação ainda ganha compartilhamento da cidade de Aglaura, onde a cidade que ali se descreve não é a mesma que se vê. Assim, a cidade torna-se um segredo a ser desvendado. "... a cidade que dizem possui grande parte do que é necessário para existir, enquanto a cidade que existe em seu lugar existe menos." (p.65).

Ao contrário do que aconteceu com a maior parte das capitais litorâneas, a cidade de João Pessoa começou seu processo de formação pelo Rio Sanhauá e não pelo litoral. Essa rota de desenvolvimento permite lentamente o desenvolvimento da cidade no sentido oeste-leste.

A cidade que no século XIX começa a edificar-se a margem direita do Rio Sanhauá, afluente do Paraíba, reunia inicialmente alguns prédios que abrigavam os grandes armazéns, e a alfândega, além das casas comerciais que conferiam a cidade à função comercial, além do porto, diga-se um trapiche, onde as embarcações descarregavam os produtos. É importante discorrer acerca desse momento sobre o traçado urbano que a cidade tecia de forma desorganizada: eram ladeiras, becos e ruelas que, aos arredores do Porto do Capim, começavam a ser formadas, onde dominavam as construções administrativas abrigando nossos munícipes e que aos poucos alcançavam a cidade em direção ao leste, onde hoje temos a Praça Antenor Navarro. Meio século depois, a cidade havia crescido cerca de 2 km. Nesse mesmo sentido,

chegando até a Lagoa (que até 1910 funcionava como uma barreira natural), impedindo o crescimento da cidade em direção ao litoral.

Em meados da década de 1940, após seu saneamento e “urbanização” e com a abertura e posterior construção da Avenida Eptácio Pessoa, cria-se um verdadeiro corredor, que em apenas cinco anos fez a cidade interligar-se entre o rio e o mar, lembrando que na medida em que a avenida ia sendo construída, começava a se perceber um desenvolvimento tímido em suas margens.

A compreensão do bairro, como parte constituinte no crescimento urbano da cidade, é também acompanhada por seus moradores, que reconhecem o bairro não apenas como parte extensiva da área central que iniciou o crescimento espacial da cidade.

O bairro é geograficamente central pelo fato do centro antigo ser mais pro lado de cá, então as coisas... Comércio era tudo do lado de cá, com o tempo é que a cidade foi se expandido mais pro lado das praias que é onde gira o capital, mas aqui ainda permaneceu. O Roger permaneceu mais perto do centro mesmo. (Kleber Dantas<sup>5</sup>).

O crescimento da cidade em relação ao sudeste deu-se pela criação do Campus Universitário na década de 1960, já a porção sudoeste da capital foi decorrente da criação na década de 1970 do Distrito Industrial. O crescimento horizontal da cidade segue tendo em vista as limitações naturais que acabam por direcionar o sentido do crescimento da cidade.

Especialmente, os bairros populares situam-se na área central da aglomeração e nas margens dos rios (...) os bairros antigos cuja existência remonta a 1930 (...) apresentam espaços limitados, isto é, não podem crescer fisicamente, porque ora compreendem bairros centrais, ora estão impedidos por barreiras naturais: mangues do Roger... (RODRIGUEZ, 1981, p.22).

Ao norte encontramos os manguezais e o Rio Paraíba, a leste o Oceano Atlântico e Oeste o Rio Sanhauá, o que obrigava cidade a se desenvolver mais tarde para a porção sul, sendo hoje perceptível se

---

<sup>5</sup> Brincante da Quadrilha Junina Paraíba e da Escola de Samba Império do Samba. Entrevistado em 15 de dezembro de 2011;

considerarmos a quantidade de loteamentos e bairros que surgiram nas últimas décadas.

Recorrendo aos capítulos da formação da área urbana da atual capital paraibana, percebemos que o bairro em estudo é considerado antigo, sendo encontrado registro de sua existência já no século XVIII.

A cidade não possui até o século XVIII, nenhum conjunto de residências que se pudesse chamar de rua, existiam esparsos aqui e ali, chácaras e vivendas em sítios, cujos nomes ainda perduram: Sítio 'Cruz do Peixe' (...) 'Rogers' que é hoje o popular arrabalde... (RODRIGUEZ, 1962, p.119).

Segundo o agrupamento dos bairros de João Pessoa propostas por Rodriguez (1981) têm na capital:

- **Bairros antigos e populares:** que compreendem o centro da cidade com sua parte alta e baixa, assim definido pela declividade apresentada em sua geomorfologia, os bairros residenciais centrais de aspecto burguês, como o Tambiá, e os bairros populares habitados por uma população mais simples, como Cruz das Armas, Mandacaru, Rangel, Roger, entre outros;

- **Bairros novos:** sua existência inicia-se por volta do final da década de 60 e são destinados à população que dispõe de melhores condições financeiras, como os litorâneos, Manaíra e Cabo Branco, em franca expansão urbana e que até o início dos anos 60 abrigava os veranistas, e que a iniciação de obras de infraestrutura, aliada a vantagens locais, torna-se área residencial, além dos vizinhos: Torre, Tambauzinho e Miramar. Hoje, estas áreas pelo processo de especulação fundiária segregam a população de baixa renda que ai se instalava em pequenos aglomerados. Nestes bairros, certos grupos, particularmente aqueles dotados de recursos financeiros e educacionais, estão aptos a adaptar-se muito rapidamente à mudança no sistema urbano e essas disposições diferenciais para responder à mudança, são uma fonte básica de desigualdade". (RODRIGUEZ, J. 1981, p.13.).

Muitos nomes de sítios, nos arredores da cidade, e outros mesmos que são as ruas e praças atuais perderam as primeiras denominações. Como exemplo, temos ABURINOZA, que era o nome pelo qual os antigos habitantes da cidade conheciam o sítio que o inglês Ricardo Roger e sua mulher, a paraibana Francisca Romana, registraram em setembro de 1855. Com o tempo a voz popular seguiu a lei natural e, no fim do século passado, já não mais se ouviu falar em Aburinoza. Surgiu o Roger que é, atualmente, um populoso bairro. (RODRIGUEZ, W. 1962, p.13).



A área hoje compreendida pelo bairro em seus modestos 2,57Km<sup>2</sup> e vivenciado pelos seus 11.115 habitantes (IBGE 2007), incluía-se ao vizinho bairro Tambiá, tendo sua área hoje formada pelos antigos sítios: Paul, registrado em arquivo público em 21 de maio de 1856 pelo antigo proprietário Joaquim Moreira Mello. Sítio Quebra Cú, registrado no mesmo arquivo e data, pelo tutor do órfão e proprietário do citado Sítio Joaquim Moreira Lima Junior. No terreno desses Sítios ora mencionados, encontramos atualmente o Parque Zoológico Arruda Câmara, a CPTRAN, a Penitenciária Modelo do Roger, suas pedreiras, o campo do Onze e a comunidade Mutirão (Conjunto João Navarro Filho). Outro Sítio que compreendia a área do Roger era o Sítio Zumbi, pertencente ao revolucionário Amaro Coutinho, e que compreendia a atual Rua Anísio Salatiel, parte da rua da areia e imediações do Porto da Capital.

Com a instalação do Parque Arruda Câmara em 1922 surge a Fazenda Simão Lopes sendo a fusão dos Sítios Paul e Quebra Cú.

Sítio *Aburinhosa* que herdara seu nome de Maria Aburinhoza, antiga proprietária que vendera para o senhor Antônio de Mello Muniz que por sua vez o transferiu em 1847 ao inglês Richard Roger brasileiro por Ricardo Roger que veio nomear o então sítio do Rogeres e que anos depois se tornaria bairro. Tendo sua posse assegurada em 1855.<sup>6</sup>

O Roger, antigo sítio Aburinoza do inglês Ricardo Rogers, até bem pouco tempo era um terreno baldio e está construído até a beira do rio. Lá se encontra o colégio João XXIII, modelo de educação feminina... (AGUIAR, 1993, P.166).

Em 1896, o atual bairro passa a ser de propriedade da Arquidiocese, a área foi doada em 18 de julho de 1896, pelo senhor Francisco da Penha Mesquita e sua mulher, na época valendo o terreno à importância de Rs\$ 12.000.000,00 (conforme se encontra registrado em cartório da cidade<sup>7</sup>). Vale salientar que boa parte dos terrenos onde ora se encontram edificadas as construções do bairro, ainda são de pertence da Arquidiocese, onde os moradores mediante compra adquirem apenas os imóveis, cabendo aos

---

<sup>6</sup> Em 1854 o Presidente da Província da Paraíba criou o Regulamento das Terras exigindo registro de todas as terras da antiga cidade da Parahyba do Norte. Assim o sítio encontra-se registrado em arquivo público, datado de 15 de setembro de 1855 sob o número 09.

<sup>7</sup> Livro 4, folha 111, ordem 402 do Cartório Carlos Ulysses, atual Pedro Ulysses).

mesmos resolverem junto com o departamento de patrimônio da Arquidiocese, a aquisição do terreno, processando-se o laudêmio, cabendo à mesma a permissão ou não da comercialização. Caso o morador opte por adquirir apenas o imóvel, este deverá pagar anualmente uma taxa à igreja referente ao valor pago pelo uso do terreno, conhecido como foreiro, esta variando entre R\$ 10,00 e R\$ 20,00 dependendo da dimensão do imóvel. Esse valor não pode ser cobrado pela Arquidiocese, afinal a atual legislação não assegura esse direito, porém a mesma vale-se do antigo código civil de 1916.

Depois de dez anos de moradia no mesmo terreno, lhe é assegurado o seu poder de compra, entretanto, mesmo não sendo “obrigatório” o inquilino que por três anos consecutivos não pagar a taxa correspondente ao seu imóvel, poderá ter seu terreno tomado pela arquidiocese, cabendo a ela indenizar o morador pelo que já foi edificado, fato este ainda não executado.

Conforme nos foi informado por Valter Holanda, responsável pelo setor de patrimônio da Arquidiocese, poucos são os moradores que possuem a posse de seus terrenos, bem como aqueles que pagam regularmente a taxa anual referente ao uso do espaço.

Nos dias atuais o bairro está edificado em duas propriedades: a fazenda Simão Lopes compreendendo a Bica e a parte baixa do bairro em direção ao Rio Sanhauá formada por manguezais e as terras da Arquidiocese da Paraíba envolvendo a parte alta do bairro e o restante da baixa.

É valoroso percebermos como a população vai se dando conta das transformações ocorridas no espaço do bairro conforme transcrito abaixo por um morador do bairro desde 1981:

O Roger dos dias em que nele cheguei cresceu, recebeu grandes melhoramentos, infraestrutura, aumentou consideravelmente seu território. O bairro das muitas casas de taipas deu lugar às casas de alvenarias, suas ruas batidas deram espaço ao calçamento. As primitivas fontes de águas, as cacimbas, no decorrer dos tempos foram substituídas por chafariz e depois por encanações. (João Batista).

A fala do morador mostra a importância do fator tempo como um elemento formador de um maior conhecimento do local em que se habita é a vivência com o seu cotidiano que o faz ser descoberto diariamente.

Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência. (TUAN, 1983, p.20-1).

Com relação à nomenclatura das ruas do bairro, ela foi se dando pela própria população que atribuíam a essas, características que lhe pertenciam como: a Rua do grude, atual Olavo Bilac que assim era conhecida segundo seus moradores por representar a sujeira moral do bairro, encontrando-se algumas casas de repouso “cabarés”. Outros exemplos são a Rua da Cacimba, atual Salvador de Albuquerque e a Rua do Fuxico, atual 19 de março, onde corriam as informações do bairro, percebendo que esta prática representava uma relação toponímica onde a nomeação das ruas tinha para seus moradores, um representativo significado da realidade.

Uma definição precisa sobre o que vem a ser o bairro enquanto unidade geográfica é algo que até hoje tem gerado inúmeras discussões uma vez que sua definição perpassa a idéia geral que compreende o bairro como um recorte espacial da cidade, lhe conferindo vida mediante a presença de seus moradores, que devem ser levados em conta em busca dessa conceituação, sendo o bairro um espaço de coesão, de compartilhamento do espaço vivido. Sendo aqui nesse estudo compreendido pela categoria lugar. Não é de nosso interesse travar uma discussão mais aprofundada a fim de se compreender essa discussão que há muito segue no próprio campo do saber geográfico, entretanto trazendo algumas idéias que surgem buscando sua definição.

A categoria bairro é vista conforme Vasconcelos Júnior (1999) como lugar do conhecimento e reconhecimento da pessoa enquanto sujeito, lugar do respeito e da amizade e da consideração. Dessa forma, o espaço geográfico resultado da relação entre o homem e seu meio, atentando para a cultura como direcionadora dessas transformações. Assim, compreender, a natureza do lugar é uma referência para entendermos o sentido da geograficidade e das modificações e significações que a população local atribui ao espaço criado, transformado e produzido coletivamente, criando, com isso, identidade, haja vista que essa produção decorre das práticas culturais ali existentes.

Tendo como lócus o bairro, esse enquanto recorte espacial da cidade recorremos a Leão Barros (2004), urbanista que compreende o bairro, como nódulo espaço-social que tem seu sentido baseado no tripé: morfológico-dimensional, político-administrativo e histórico-social, fazendo também referência a uma definição de bairro que o associa enquanto espaço físico a noção de território.

Conforme o IBGE (2007), o bairro é algo inerente à cidade (urbano), tendo seus limites físicos estabelecidos por decisões políticas, definindo-o como: "... subdivisões intra-urbanas legalmente estabelecidas através de leis ordinárias das câmaras municipais sancionadas pelo prefeito." Percebendo assim que o mesmo compreende o bairro como território comungando com a compreensão de Leão Barros.

Mayol (2000) apresenta o bairro como uma parcela conhecida do espaço urbano, por seu usuário, onde de forma positiva ou negativa este se reconhece, sendo ainda considerado objeto de consumo, onde seu usuário privatiza seu espaço público. Palmeira (1997) descreve o bairro como lugar de morada, já Teixeira e Machado (1986), afirmam que um bairro precisa apresentar: paisagem urbana, conteúdo social e função. Cordeiro e Costa (1999) os compreendem como lugares reais e imaginados construídos através de um imaginário criado pelas vivências no e com o local, afirmando que estas unidades sócio espaciais são problemáticas em si próprias.

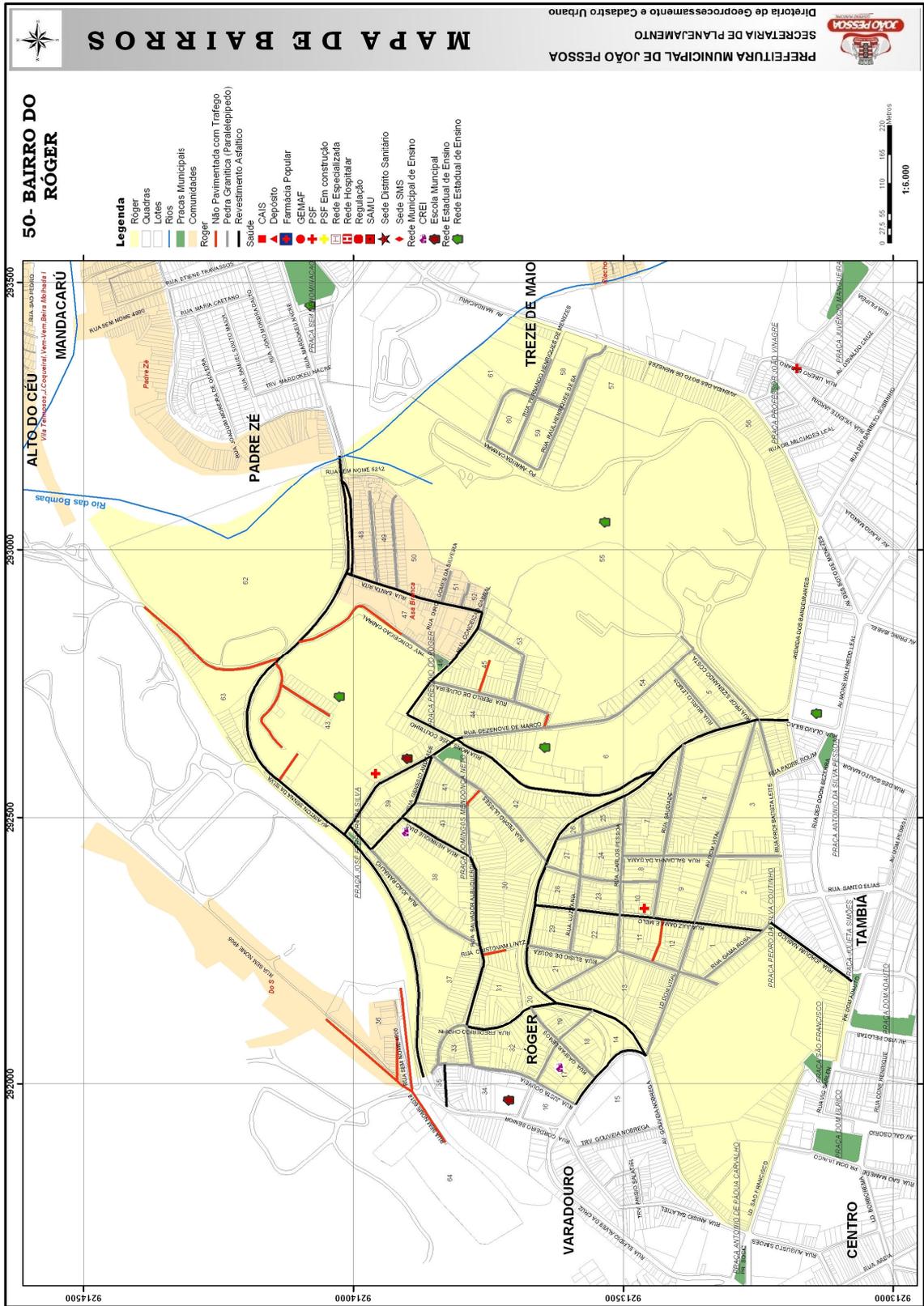
Sobre o bairro, o discurso da população é diferente daquele produzido pela cidade, assim o que se diz sobre o Roger é diferente do que se vive nele. Os limites do bairro internamente são assim definidos<sup>8</sup>

O Bairro do Roger terá início no Rio da Bomba, Rio Sanhauá, Rua Frei Vidal, Ladeira São Francisco em desta com o muro do Convento de São Francisco até a Praça Dom Ulrico, com descrição dos perímetros nas seguintes artérias: I-Rua J.Lianza; II-Rua Padre Rolim; III- Rua Professor Batista Leite, IV- Rua Ana Rosa Borges da Fonseca, V- Rua Ladeira Dom Vital, VI-Rio da Bomba, VII- Limites intermunicipais e VIII- Rua Justo Gouveia. (LEI Nº 10.000, ART. 2 DA PMJP.)

---

<sup>8</sup> De acordo com a Lei nº 10.000, de 22 de outubro de 2003, em seu artigo 2 da PMJP.

### Mapa 2. Bairro do Roger



Fonte: Mapa do Bairro do Roger, SEPLAN/PMJP.

Esses limites impostos pela PMJP, não são, em boa parte, reconhecidos pelos moradores como pertencentes a área do bairro, atribuindo a outros bairros algumas dessas porções.

Não se deve esquecer, sobretudo, que o bairro, fragmento do espaço urbano, possuiu uma delimitação física, embora sua influência muitas vezes extrapole seus limites. Entretanto, são outros atores sociais que, em suas práticas cotidianas, determinam sua existência e que, dele se apropriando, o constroem, o transformam e lhe dão novos sentidos e alcance. (SILVA, 1999, p.18).

O Roger ainda faz ao norte limites intermunicipais, ao sul com o bairro do centro, a leste com o bairro do Tambiá e ao oeste com o bairro do centro e o Rio Sanhauá.

### **1.3 O ROGER NUMA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA**

O bairro enquanto objeto de pesquisas acadêmicas ainda é pouco explorado, os trabalhos que conseguimos catalogar muitas vezes se referem a estudos ambientalistas, trazendo informações sobre as conseqüências socioambientais deixadas pelo antigo lixão da cidade que ali se fez presente entre o final da década de 1950 até sua extinção em 2003. SEABRA e NAU (2003) nos apresentam esse espaço como o habitat urbano dos “homens-urubus”, que encontravam no lixão sua alimentação diária.

NASCIMENTO (2008) nos traz em sua monografia no campo das Ciências Sociais, um estudo raro sobre a temática da cultura popular do bairro, discutindo as relações entre cultura popular e resistências cotidianas, sob a ótica dos costumes, atentando-se, sobretudo para as várias formas de ocupação e uso dos espaços do bairro, e como estas imprimem a vida social dele.

É de seu interesse compreender as repercussões que as transformações espaciais do bairro trazem sobre as manifestações culturais populares, ali encontradas, tendo percebido em sua pesquisa de campo uma “divisão” do bairro quanto a seus aspectos geográficos e socioeconômicos, trazendo como exemplo o padrão das moradias. Enquanto no Alto, percebe-se que estas

apresentavam melhores condições econômicas, ele caracterizou as da porção Baixa como mais humildes.

O trabalho de PESSOA (2008) aborda as transformações pelas quais os festejos juninos no bairro passaram e como a população do bairro compreende essas mudanças, que inseridas num contexto capitalista, ganha (re) significações no bairro, indo além do prazer pela festa, sendo uma atividade produzida pela e para os moradores, em uma atividade que surge como geradora de renda.

Essa nossa pesquisa é norteadada pelos estudos do enfoque do urbano pela Geografia Cultural, que para Corrêa (1995), tem sido o norte de muitas pesquisas em geografia, devido à necessidade de se explicar a diversidade cultural existente no mundo, atribuindo uma base geográfica a cultura. Através do contato e das relações de compartilhamento por moradores de uma mesma área natural, os moradores passam a atribuir os mesmos valores para a interpretação simbólica de uma realidade em comum, o mesmo não acontecendo com aqueles que vivem em distintas áreas físicas. Logo, o conceito de geograficidade de Dardel será utilizado como forma de compreender “[...] o papel que o espaço tem na vida dos homens, sobre o sentido que eles lhe dão e sobre a maneira pela qual eles os utilizam para melhor se compreenderem e construírem seu ser profundo”. (Claval apud Castro 2006, p.89 - 90).

Seguindo essa visão Yi-Fu Tuan (1980), afirma haver o estabelecimento de um elo afetivo entre a pessoa e o lugar em que ela habita, compreendendo-o pelo termo topofilia, onde baseado em experiências positivas, oriundas de uma espacialidade e temporalidade, traduzem a experiência do habitante com o espaço.

Endossando essa visão telúrica, Santo Agostinho apud Yázigi (2001. p 36) nos mostra que o valor do lugar depende da intimidade de uma relação.

Trazendo a discussão do termo cultura para a Geografia, Corrêa e Rosendahl (2003), afirmam que logo após a 2ª Guerra, a Geografia passa a utilizar um conceito de cultura, que perpassa a visão saueriana que afirmava que toda ação humana na natureza decorre de sua cultura, surgindo então com a nascente Geografia Cultural renovada, uma noção que perpassa o conceito supra - orgânico do termo, nessa nova visão, “a cultura é vista como um

reflexo, uma mediação de uma ação social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada”, visão esta que comunga com a ideia de Geertz, com sua Antropologia Interpretativa, acreditando ser condizente com o método etnográfico que adotaremos na pesquisa.

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise. Portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura de significados (GEERTZ, 1989, p.15).

Embora o campo de estudos hoje na Geografia Cultural seja vasto, sobretudo no meio urbano, percebemos com McDowell (1996), que questões como identificação, significação, representação e localização são importantes questões para a compreensão dos lugares numa sociedade multiculturalizada, sobretudo no imaginário polifônico do contexto urbano, “unificando-se” assim a “nova geografia cultural”.

Tendo como eixos norteadores da pesquisa os campos da geografia Urbana e Cultural, analisaremos a cidade como produção simbólica, capaz de produzir textos escritos pelos próprios moradores como nos propõe Corrêa (1995). Ainda nesse sentido Calvino (1990), apresenta a cidade como construção mental formada a partir das impressões que cada um tem dos lugares.

O bairro do Roger é um desses lugares que se abrigam no recôndito da cidade de João Pessoa, sendo marcado por suas antíteses. Sua proximidade geográfica com o centro da cidade, cerca de 1 km, e seu distanciamento econômico, que lhe inclui na lista dos bairros periféricos da cidade. Internamente essas desigualdades são ainda mais visíveis, já que a geomorfologia da área apresenta declividades, que divide o bairro em sua parte alta e baixa diferindo-se na visibilidade das construções e qualidade de vida de seus moradores.

No que diz respeito às atividades econômicas desenvolvidas no bairro, percebemos um forte crescimento da economia informal, sendo visível encontrarmos nas ruas, fiteiros, lanchonetes, bares, e mercearias, além de

placas informativas de prestações de serviços como lavagem e passagem de roupa, costuras, ensino de tarefas escolares (reforço) e tratamentos capilares. Somam-se a essas práticas as pequenas atividades comerciais da feira livre e a exploração de calcário, encontrado em um afloramento rochoso, popularmente conhecido pela população como pedreira (ver figura 2), utilizada tanto para a construção civil, como para a fabricação de adubos que possibilitam a correção de solos.



**Figura 2**

Extração do calcário na pedreira do Sr. Argemiro, no baixo Roger.

**Fonte:** Arquivo do autor em 10/09/2005

A atividade extrativista emprega hoje cerca de 50 funcionários distribuídos em três pedreiras, e em funcionamento desde o início da década de 30, sendo estas de extrema importância para a construção do bairro como a Igreja de Santa Terezinha e para a cidade como um todo que crescia gradativamente, como nos alega Argemiro, proprietário de uma delas:

“Na época da construção do Hotel Tambaú, era bom demais, saíram daqui mais de 3.000 caminhões, era tanto trabalho que a turma tinha que se revezar para dar conta do serviço era uma turma de dia e outra de noite (...) quanto mais à cidade crescer mais vai ter trabalho pra gente.”(Argemiro citada em PESSOA,2007)

A falta de segurança para com a realização da atividade é tremenda, mesmo com a fiscalização mensal feita pelo exercito para a autorização da atividade, é perceptível o despreparo dos funcionários que aprenderam com a lida diária a mensurar explosivos usados diariamente para a fragmentação e exploração da rocha calcária, além de que não são oferecidas as mínimas condições de segurança, onde uma boa parte do trabalho continua sendo manual e os empregados sequer dispõem de luvas, alguns ainda se valem de capacetes. Já ocorreram esporádicos acidentes que, infelizmente, resultaram em morte, como aconteceu com o pai de Argemiro, que após uma rápida explosão foi atingido por fragmentos da rocha, fato que faz do filho hoje um administrador da pedreira.

Sobre a pedreira os moradores do bairro afirmam ainda que era comum o hábito deles se dirigirem a elas a fim de comprarem a um preço bastante acessível latas de cal, usadas para caíarem suas casas.

No bairro encontramos uma importante reserva de Mata Atlântica, concentrada no Parque Arruda Câmara, nome dado ao naturalista paraibano homônimo. Popularmente conhecida como “Bica”. O parque apresenta grande biodiversidade distribuída em mais de 20 hectares, (sendo sua área original de 43 hectares). O parque hoje além de representar um ponto de lazer dos pessoenses abriga o mini-zoológico da cidade, sendo presença forte nas reminiscências dos que outrora o conheceram.

Árvores enormes e bichos que nunca tinha visto antes, ali estavam ao alcance das mãos (...) no Parque Arruda Câmara que o povo sempre chamava de Bica, ficaram os restos da floresta que cobria a cidade nos tempos da conquista. A água cristalina da sua fonte matou a sede de silvícolas e portugueses, generosamente... (AGUIAR, 2002. p.133).

A Bica abriga a fonte natural do Tambiá, como vista de grande feitoria para o abastecimento das áreas entornas desde o final do século XVII, ainda hoje, suprimdo a população nas horas de falta d'água.

Outro fato que merece menção para a compreensão do bairro é o de que ele abrigou o grande lixão de resíduos sólidos da cidade. O conhecido “Lixão do Roger”, que no final da década de 1950, começa a ser formado, servindo como ponto de alimentação, moradia e emprego para muitas de suas famílias. Felizmente no ano de 2003 o lixão que se situava sobre os

manguezais a margem direita do Rio Sanhauá, afluente do Rio Paraíba, foi desativado, dada a construção do Aterro Sanitário da Região Metropolitana da Grande João Pessoa, se situando na zona rural do município do Conde, sendo construído em sua área um parque ecológico embora este hoje não cumpra com a ideia inicial do projeto que seria o de transformar a área num espaço de lazer e centro de educação ambiental (SEABRA e NAU 2003). Constata-se também que os antigos catadores continuam a residir na área de entorno do antigo lixão sobre palafitas, mesmo após sua desativação, identificando assim a relação construída do indivíduo com o espaço criando-se uma relação topofílica.

## 2 . O ROGER: UM LUGAR PLURAL



“O Roger é um bairro muito tranquilo que você vê pessoas nas ruas, nas calçadas sentadas, crianças brincando, a gente vê muito os moradores antigos serem oriundos de interior então conserva algumas tradições do interior, é um bairro que tem muita fogueira de São João, muita crendice popular, tem muita gente andando de cavalo na rua, ele é tão próximo do centro da cidade, de uma cidade tão urbana, mas ele conserva ares de uma cidade do interior, o bairro é como se fosse uma cidade do interior” (Joalisson Cunha – Morador do bairro do Roger).

O verde do seu parque zoobotânico, o cinza dos seus calçamentos antigos, o marrom escuro das lamas de seus manguezais, juntamente com o branco de suas pedreiras, o amarelo do sorriso das crianças, o brilho das alegorias das escolas de samba e os estampados e xadrez dos figurinos das quadrilhas... É esse multicolorido que pinta uma grande tela móvel de um bairro vivo e plural chamado Roger. Sua complexidade e multiplicidade de visões que dele se pode ter, exige que façamos mãos de diversas estratégias que nos ajudem a captar seu cotidiano.

As ciências sociais e a Geografia possuem intrínsecas relações com a etnologia, essa relação é vista conforme Maia (2001) há tempos, onde os relatos de viagens descreviam a paisagem e seu povo. Entretanto, a descrição etnográfica não era ainda precedida de uma interpretação etnológica. Cabendo a Humboldt ser o pioneiro na interpretação dos dados observados, vindo a ganhar reforço com a Geografia clássica francesa inaugurada por La Blache.

No período correspondente ao pós-guerra e o florescimento da Geografia Crítica<sup>9</sup>, observa-se uma diminuição dos trabalhos de campo e dos estudos etnográficos, já que a descrição, característica marcante dos estudos etnográficos era associada ao tradicionalismo da geografia positivista que visava ser combatida pela escola crítica da Geografia. Assim, percebemos que a etnografia existia sem uma procedência etnológica.

Originalmente, a etnografia tem o sentido de descrição de todo um sistema cultural que se manifesta em determinado grupo humano. Tendo como norte o estudo das práticas culturais desenvolvidas no bairro do Roger, cremos serem os brincantes destas manifestações culturais o principal foco do nosso estudo. Logo, adotamos o método etnográfico, que possibilita através da abordagem qualitativa, fazendo uso das narrativas dos sujeitos abordados, o caminho a ser percorrido para a obtenção dos dados da pesquisa. Conforme nos recomenda Mendes (2010, p.127):

“Para essa metodologia, a observação participante, as entrevistas, a história oral e história de vida são as principais técnicas. A metodologia etnográfica apresenta caminhos para a

---

<sup>9</sup> Conforme Moraes (1992, p.112), os autores desse corrente de pensamento geográfico assumem o “conteúdo político de conhecimento científico, propondo uma Geografia militante, que lute por uma sociedade mais justa. São os que pensam a análise geográfica como um instrumento de libertação do homem”.

percepção das características e estratégias das culturas, contribuindo na análise do fenômeno cotidiano”.

A abordagem etnográfica analisa o objeto a partir da realidade apresentada, enfatizando o acesso por meio da observação, já que as entrevistas e as narrativas tornam acessíveis os relatos das práticas e não a própria prática. A Etnografia precede a Etnologia, uma vez que essa sintetiza as descrições etnográficas, fazendo uma análise interpretativa do observado. FLICK (2009)

Do ponto de vista metodológico, a etnografia oferece condições de flexibilidade e abertura que o pesquisador dificilmente encontrará em outros métodos. Como, também, a abordagem etnográfica possibilita mais facilmente a realização de ajustes durante o processo de pesquisa.

A escolha por esse método nos possibilitou a condição de teorizar a partir da esfera do vivido e da interpretação carregada de introspecção abstracionista, expressando o significado dado pelos moradores do bairro as suas práticas culturais, onde eles mesmos, através de suas falas, se autodescreverão. Dessa forma cremos que o conhecimento se dá mediante a participação do pesquisador no campo observado, onde ele descobre como as práticas culturais ocorrem.

Lançamos mão das entrevistas semi-estruturadas, realizadas de forma individualizada, e agrupadas em três roteiros. No primeiro roteiro, entrevistamos moradores antigos do bairro que possuíam alguma vivência com as práticas culturais ali existentes (ver roteiro de entrevista 1, em apêndice); o segundo grupo foi formado por brincantes dessas manifestações culturais (ver roteiro de entrevista 2, em apêndice); e no terceiro grupo foram entrevistados os coordenadores dessas práticas culturais (ver roteiro de entrevista 3, em apêndice).

Somando a essas entrevistas, fizemos uso da observação participante e da técnica da História de vida, que trabalha com documentos humanos, fazendo uso da entrevista oral. Para Santos (2009, p.329), a memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro.

Escolhemos como depoentes os moradores brincantes do bairro, que participam de alguma das manifestações populares, bem como aqueles que

mesmo não residindo no bairro foram atraídos por ele mediante essas manifestações e os coordenadores de cada manifestação aqui abordada com profundidade: as duas escolas de samba e as duas quadrilhas do bairro, reforçando essas histórias vivas. Entrevistamos moradores antigos do bairro que registraram em sua mente os tempos festivos de outrora.

Os memorialistas do bairro foram fontes fundamentais para o registro das impressões sobre o lugar, sobretudo no que diz respeito à vivência desses com o início das manifestações populares no bairro, assim como o desenvolvimento urbano do mesmo. Adotaremos suas narrativas, sobretudo pelo escasso registro escrito dos aspectos históricos e culturais sobre o bairro.

Acreditamos que os procedimentos acima descritos nos trouxeram subsídios e informações capazes de compreender os objetivos para o qual nos propomos.

## **2.1 FORMULANDO A COMPREENSÃO DO BAIRRO ENQUANTO LUGAR**

Reconhecer a individualidade dos lugares produzidos e mantidos pela ação humana é o fundamento mais duradouro da geografia e, na prática, sua contribuição acadêmica mais significativa. (Cosgrove in: CORRÊA e ROSENDAHL, 2003, p.111)

Buscando um conceito que defina lugar, visamos suscitar uma reflexão subjetiva, onde o sujeito possa a partir de suas vivências, criar o seu próprio conceito para a categoria de análise geográfica: “compreender o lugar em que se vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem (...), percebendo que cada lugar vai ter marcas que lhe permitem construir a sua identidade” (CALLAI, In: CASTRO GIOVANNI, 2003, p.84,107).

Na medida em que os indivíduos, baseados em suas vivências se descobrem como elementos constituintes do seu local cria-se nele uma relação diferenciada, onde o seu agir repercute numa reação coletiva de aceitação ou rejeição, o que não interfere na sua conceituação e vivência, afinal, cada pessoa estabelece com o meio no qual se insere ou esta inserida uma relação imaginária diferenciada, quer seja pelo tempo em que este “vivencia esse lugar

ou pela identificação que nele se ir (reconhece)”. Torna-se, pois fato crucial para entendimento do mundo, o conhecimento local.

Para se compreender o lugar é necessário antes de tudo conhecer a alma desse lugar, aqui vista pela ideia de Yázigi (2001), nos direcionando para a identificação da peculiaridade do local que para ele relaciona sua cultura com a sua personalidade. As ciências sociais, aqui representadas pela Sociologia e Antropologia, compreendem a personalidade como sinônimo de identidade, sendo entendida como relações sociais, cultura imaterial e costumes.

Para o referenciado autor ora citado, a Geografia física de um local é importante fator para criarmos identidade com o lugar, haja vista a volatilidade das paisagens culturais, ela possibilita a visualização da essência desse local. Assim cita Le Corbusier reconhecendo que “a alma de uma cidade depende de tudo aquilo que ela tem de fantasioso e não funcional”. Não cabe ao planejador fabricar este mundo rico e expressivo, mas reconhecer sua dimensão para não destruí-lo”.

Corroborando a isso a visão de Santos (2009), Para esse autor, o lugar é apresentado como uma extensão do acontecer solidário, revelando que mais importante do que a consciência do lugar é a consciência de mundo que se tem por meio do lugar. Para ele o lugar visto “de fora” e o lugar visto “de dentro” traz consigo a visualização dos fixos e fluxos e duas repercussões para a compreensão do bairro, a visão dos moradores de outros bairros da cidade, e a visão dos moradores do bairro.

Carlos (1996) trabalha o bairro como parcela vivida da cidade, compreendida por sua espacialidade local. Ainda nesse pensamento, Pereira (2008), trabalha com a ideia que um mesmo espaço pode abrigar vários lugares, buscando entender o seu significado, onde a cidade e o bairro passam a ser vistos não apenas como localização, mas passam a fazer sentido, ganhando significação.

Yázigi (ibidem) mostra a contribuição que a psicologia ambiental tem, trazido na busca da compreensão do espaço e cotidiano, assim o arquiteto e antropólogo Amos Rapoport, compreende o lugar baseado em referências humanas, destacando a importância da sinestesia para sua compreensão. A ideia é compartilhada pelo geógrafo André Frémont que acredita que a Geografia deveria ser mais perceptiva a fim de que se possa conhecer o lugar

com maior profundidade. Em seu livro *La région: espace vécu*, publicado em 1976, traz para a Geografia regional a proposta de que as representações mentais da população bem como sua mobilidade sejam critérios delimitadores de regiões.

Um debate mais contemporâneo sobre a temática nos é proposta por Marc Augé com sua *supermodernidade*, o autor debate a cerca da transitoriedade da vivência das pessoas com os espaços, o que dificulta o seu apego criando os não-lugares, assim este se diferencia dos lugares. “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar”. Augé (1994.p.73). O fato é que o termo lugar suscita polêmicas discussões no âmbito das ciências sociais, já que essa relação de vivência varia de acordo com cada indivíduo, assim um espaço de um terminal rodoviário poderá ser para o passageiro apenas um lugar transitório, o mesmo não ocorre com um funcionário do terminal que ali tem uma relação temporal maior com o espaço, criando laços diários com o local.

Ao se estudar o lugar, o geógrafo precisa levar em consideração a compreensão da vida humana e sua relação com o meio em que vive, ante um mundo globalizado que se permeia sem limites muitas vezes decifráveis entre a esfera local e global, objetivando compreender a complexidade da realidade atual. (FERREIRA, 2000, p.76).

Quanto à discussão na temática, Entrikin apud FERREIRA (2000), sintetiza o pensamento, visto hoje como o mais consensual para a definição de lugar quando o compreende como uma relação a qual denominará de intermediaridade (*betweenness*), entre a realidade objetiva e subjetiva. Para ele o olhar objetivo reduz a visão particularizada que se tem dos lugares, cabendo ao geógrafo descrever os lugares de forma a narrá-lo, assim o compreendendo em relação a um sujeito, unindo Etnografia e Etnologia com uma interpretação etnogeográfica, carregada de compreensão das experiências ora significadas.

A visão dos *outsiders*, também é vista como importante, a fim de que compreendamos como o lugar se insere e está inserido aos atuais “hábitos globalizantes” ao mesmo tempo em que mantém suas peculiaridades, bem como eles respondem aos estímulos internos e externos que lhe são apresentados.

O estudo geográfico do lugar não deve, assim, se limitar ao estudo do específico e do singular, mas buscar compreender as experiências individuais através das narrativas coletivas e dos domínios públicos... evitando compreendê-lo unicamente como algo socialmente construído. (FERREIRA, 2000, p.77).

Buscando um conceito que defina lugar, visamos suscitar uma reflexão não somente objetiva, mas principalmente subjetiva, onde o sujeito possa a partir de suas vivências criarem o seu próprio conceito para essa categoria de análise geográfica, afinal:

Compreender o lugar em que se vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem (...), percebendo que cada lugar vai ter marcas que lhe permitem construir a sua identidade” CALLAI, in: (CASTRO GIOVANNI, 2003, p.84-107).

Na medida em que os indivíduos, baseados em suas vivências se descobrem como elementos constituintes do seu local cria-se nele uma relação diferenciada, onde o seu agir repercute numa reação coletiva de aceitação ou rejeição, o que não interfere na sua conceituação e vivência, afinal cada pessoa estabelece com o meio, no qual se insere ou esta inserida, uma relação imaginária diferenciada, quer seja pelo tempo em que este “vivencia esse lugar ou pela identificação que nele ir (reconhece)”. Torna-se, pois fato crucial para entendimento do mundo, o conhecimento local. É nesse sentido que trazemos a discussão apresentada por Holzer (1998) onde em sua concepção o Lugar não pode se limitar a apenas uma materialização do espaço devendo, sobretudo ser dotada de significações, sendo este portador de uma comunicação entre os viventes do lugar.

Destarte, o bairro não se configura apenas num recorte espacial da cidade, mas antes deve ser compreendido como uma experiência construída pela arte do encontro cotidiano entre os seus animadores que, parafraseando Yazigi (2001) são a alma do lugar.

No Roger é muito visível o sentido do bairro enquanto uma construção social coletiva, que encena uma vida cotidiana, sendo possível elucidar através das representações de suas práticas culturais, a materialização de significados que possibilitam o morador vivenciar aquele espaço mais palpável da cidade.

Buscando compreender de fato como o bairro podia ser compreendido com pela categoria lugar, perguntei aos moradores entrevistados quais os locais que lhe vinha à mente quando perguntado sobre o bairro.

O campo do Onze pra mim, enquanto criança, na época pra mim foi um lugar que marcou muito que todo domingo pela manhã eu ia, eu freqüentava. - E o que é que tinha lá?-Tinha jogo de futebol, tinha... Vendia dindin<sup>10</sup>, vendia coco, então eu mim interessava muito pelas guloseimas que vendia né? pipoca...num sei o que, então meu pai ia assistir e eu não ia assistir o futebol, eu ia porque eu ia comer pipoca, era um domingo, eu ia chupar dindin, aquela coisa toda até porque era um momento de tá junto da família, meu pai e minha mãe trabalhavam o tempo todo, então meu pai era o domingo que ele tinha de juntar os filhos e levar pra algum lugar. Ou era o campo de futebol ou era a Bica né? Tem as lagoas do "s", (risos), que a gente ia assim escondidinho né? porque a mãe não podia saber, que era um lugar arriscado. Tinha pedreira, tinha a linha do trem que a gente ia andar, aquela hora assim no final da tarde, era muito legal, levava o cachorro né porque eu jogava o cachorro na lagoa, (risos) e ia se aventurando. Outro local também muito importante pra mim é o presídio, porque marcou muito enquanto criança, aquelas...as como é que se diz?... As rebeliões que existiam que sempre existiu desde quando eu era desde que eu nasci às rebeliões do Roger sempre existiu, então pra gente, pra algumas pessoas eram tristes, mas pra mim era uma festa, (risos), a gente não era obrigado a dormir, que tinha que ficar a noite acordado, (risos), então a gente ia todo mundo pro meio da rua num é e a gente ficava naquela festa. -Tu acha o Roger um bairro perigoso?-Não! Nunca achei sempre na minha adolescência que eu saía pras festas e voltava duas... três horas da manhã, nunca fui assaltado no Roger, nunca fui abordado por ninguém né? É como qualquer outro bairro, qualquer outro lugar, tem as pessoas que praticam as coisas erradas, mas também tem muita gente boa. (Luciano Peixoto<sup>11</sup>)

O depoimento nos deixa claro que os espaços do bairro mencionados pelo depoente lhe são muito próximos, em seu discurso ele consegue lembrar com riqueza de detalhes de cada um desses espaços, que dada a sua vivência e familiaridade, o transformaram em lugar, evidenciando a compreensão dessa categoria geográfica como lugar, definido como o espaço em que conseguimos construir com ele nossa memória, vivenciando. Tuan (1983.p.83), reforça a

<sup>10</sup> Dindin é um termo usado para se referir a uma espécie de suco congelado vendido em saquinhos plásticos, o mesmo ganha outros nomes como sacolé no Rio de Janeiro e flau em Maceió.

<sup>11</sup> Coreógrafo e coordenador da Quadrilha Junina Paraíba, Entrevistado em 19 de janeiro de 2012.

afirmação dizendo que “Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”, da mesma forma que atribuindo personalidade a ele.

## **2.2 UMA CONVERSA NA CALÇADA ENQUANTO CRIANÇAS PELAS RUAS BRINCAM: O BAIRRO E SUAS PRÁTICAS COTIDIANAS**

O cotidiano é um mundo memória.  
(CERTEAU)

Certeau (1994) diz que para se compreender as culturas populares, aquelas produzidas na rua, dotadas de singularidades e segregadas espacialmente das cidades, devemos liberar criatividade e a imaginação humana, para que assim os espaços possam ser resignificados, recriando o espaço da cidade e instituindo segundo ele “a invenção do cotidiano”.

Ele ainda considera a cultura como uma ação humana, embora muitas vezes não reconhecida como tal, afirma que mais importante que a construção das práticas sociais, a cultura seja dotada de significância para aqueles que a realizam, como vemos no seguinte relato:

O que eu sou hoje assim, dentro da cultura popular eu aprendi no meu próprio bairro. Eu sempre admirei muito, assim era uma coisa minha, eu sempre gostei, eu enquanto criança mesmo, meus sete... oito anos de idade, eu juntava dinheiro pra ir assistir a lapinha<sup>12</sup> e votar no cordão encarnado.(...)-Onde era essa lapinha?-Era aqui mesmo no Roger, no bairro mesmo, sendo que na Rua Carlos Pessoa é na Carlos Pessoa, onde era o pavilhão da Quadrilha Lageiro Seco, então era a lapinha durante a semana e no final de semana era o ensaio da quadrilha, então aquilo foi me motivando né? A eu ser o que sou hoje né, a gostar de cultura popular... . (Luciano Peixoto).

O bairro do Roger, aqui analisado, deve ser compreendido nesse estudo baseado nos conceitos ora discutido acerca da categoria lugar, este revelador de sentimentos mais intrínsecos, de relacionamentos amigáveis e de

---

<sup>12</sup>Por lapinha, segundo Cascudo, 2002, seria denominado o pastoril que se apresentava diante dos presépios, ou seja, o grupo de pastoras que faziam as suas louvações na noite de Natal, cantando e dançando diante do presépio, divididas por dois cordões – o azul e o encarnado, as cores votivas de Nossa Senhora e de Nosso Senhor. Em outras palavras, tratava-se de uma ação teatral de tema sacro.

diversas formas de vivências e apropriações desse espaço, mas principalmente que revela significação nas suas representações culturais. Os moradores desse bairro são os protagonistas de sua história e são neles em que nos alicerçamos para caracterizá-lo. Com eles, buscamos recordar as atividades que fazem parte do cotidiano do bairro bem como a própria história do surgimento das práticas culturais ali existentes que por vez se confundem com a sua própria. Necessário é salientar que o bairro não pode ser visto na finalidade com a qual nos propomos apenas como uma divisão superficial e por vezes independente da cidade. Antes como nos afirma NOGUEIRA (1999.), devemos lembrar que: “o bairro não é apenas ruas e avenidas, é, sobretudo gente”. Assim, cada habitante tem papel fundamental para a construção, preservação e porque não dizermos transformações culturais, produzidas no bairro, quer seja por suas experiências vividas ou por aqueles anseios do novo, do que possa vir a existir, integrando-se ao mundo que lhe cerca, afinal: “todos os lugares são mundiais (...), pois cada lugar não importa onde se encontre, revela o mundo no que ele é, mas também naquilo que não é” (SANTOS, 2009, p. 313).

São eles, os moradores, que dão vida ao lugar nas conversas nas mesas dos bares, nas calçadas, nos mercadinhos, nas festas, no ir e vir das ruas e nas suas trocas de palavras estabelece uma legitimidade com o lugar, que os permitem a criarem uma identidade com ele, e que tão bem nos fala MAYOL (In: CERTAU, 1997, p.39): “O bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um engajamento social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição”.

Esses moradores conseguem nos caminhos rotineiros que percorrem não apenas olhar o que está em sua volta, mas, sobretudo ver o valor que se esconde por trás de cada janela entreaberta, de cada ladeira, de cada esquina, que muito representa para a sua história, onde a rua, conforme (DAMATTA, 1981) se torna uma extensão da casa. Valorizando esses sentimentos buscamos compreender como eles se estabelecem, estimulando a pesquisa e ora relatada por João Batista, morador do bairro desde a década de 1980:

O Roger é um pedaço de mim, faz parte da minha vida, tem o que espero num bairro... Ele mim completa, eu o vejo como um irmão, um camarada de quem eu necessito e que complementa minha família, eu conheço todas as ruas deste lugar e em todas elas tenho quem me conheça, então, o que esperar de um bairro que parece da minha família?(João Batista)

O hábito de morar próximo um dos outros, de manter relações amigáveis é refletido pela presença de vilas no bairro. Que geralmente são nomeadas pelos seus donos como da Zé Martins, Cazuzinha, Lima, Mazar e Pancrácio, onde os proprietários dos terrenos constroem quartos em seus quintais e alugam, onde num mesmo terreno há várias moradias.

O Roger é como se fosse um bairro de uma única família, o povo não quer sair daqui, se conhecem desde criança, nas vilas os donos dos quatinhos só alugam para conhecidos, quando a família ta próxima num tem quem queira se separar! (João Batista).

O fato de manter a união da família é bastante preservado aliado à indisposição de recursos financeiros, refletido no caso dos casos dos filhos que se casam e continuam a morar na casa dos pais, construindo um quatinho (o que estabelece uma contraditória relação de (in) dependência dos pais).

Outra temática pertinente sobre a vida cotidiana, sobre o compartilhar de um bairro relaciona-se a apropriação desse espaço que se limita entre o privado, uma vez que pela vivência e conhecimento do bairro o morador o considera seu, e assim se faz quando possuía uma parte deste, sua casa. Entretanto, há no mesmo espaço, o público, já que esta propriedade sua está inserida num conjunto de propriedades privadas, tornando o bairro “público”, numa relação dialética, assim... A casa é sua mais pertence ao bairro, o bairro é “seu”, mas pertence à cidade (...), “O bairro é o pedaço da cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público”. (LEFEBVRE. In: CERTAU, op. citada, p.41).

Destarte, já que não posso apropriar-me do todo da cidade, tornando-se “passível” às suas regras, que eu então como morador do bairro possa o conhecer pelo *know-how*, sendo este “Um local onde os moradores se encontram para atender suas necessidades cotidianas” (MAYOL In: CERTAU, op.citada. p.46), quer sejam estas religiosas, econômicas, familiares de lazer...

Mediatizados por encontros aleatórios, onde eu possa nos contatos tornar-me sujeito desta “mini-cidade”, no qual conhecendo o bairro eu possa me conhecer.

A pesquisa nos atentou para compreendermos melhor o sentido do termo identidade, hoje tão questionada diante a efemeridade do tempo e das relações humanas, o que afeta também a compreensão do significado da categoria geográfica lugar, bem como a criação dos não lugares.

Com isso o lugar, como categoria de análise geográfica, torna-se o resultado das experiências com o espaço, para isso devendo haver uma espacialidade e historicidade. Uma criança não perceberá seu lugar da mesma forma que um idoso que ali reside desde sua infância. Diante disso, percebemos que as práticas culturais desenvolvidas no bairro são uma forma que a população encontra para se apropriar desse espaço, e assim, permite uma compreensão de sua dimensão espaço-temporal.

A identidade é simultaneamente uma forma de relação social e uma forma de representação espacial que resulta num certo tipo de territorialidade. Em outros termos, essa identidade não é um dado irreduzível da realidade, mas sim uma construção, que associa de maneira vital e orgânica os vínculos entre o grupo e o território. (Gomes apud COSTA, 2005, p.87).

Sobre a temática, Castrogiovanni (2000) diz ser o conjunto de características que forma a feição do lugar e sua identidade, entretanto nos alerta que essa homogeneização acaba abarcando uma maioria de sua população, uma vez que as relações entre as pessoas e os lugares são contraditórias, ora aproximando, ora excluindo quer seja por motivação econômica ou cultural os bens produzidos socialmente, e muitas vezes apropriados particularmente.

Carlos (1996), diz que a identidade entre as pessoas que habitam a cidade é construída no cotidiano, compreendendo os movimentos sociais urbanos como uma construção coletiva interpretativa da cidade. Atribui ainda a reprodução do capital como fator de crescimento das cidades, vendo-a como local para ser consumido tanto pelo capital como pelas pessoas que nela habitam.

Para Simmel in: (FURTADO, 2007), a sociedade parte da interação entre os indivíduos e comporta uma distinção entre forma e conteúdo. Nesta concepção, os indivíduos têm diversas motivações como as paixões, desejos e angústias conteúdos da vida social e interagem a partir delas e se transformam em “uma unidade”,

Assim sendo, a compreensão do cotidiano do bairro, a partir de uma percepção geográfica do espaço vivido, dá-nos a possibilidade de revisitar o lugar na atualidade, descobrindo novos significados que sua população lhe atribui.

### **2.3 - O ROGER, SEUS MORADORES E SUAS FRAGMENTAÇÕES.**

Nas idas a campo, caminhando por vezes de forma despreocupada pelo bairro, sempre algo me prende a atenção talvez por não conseguir andar por suas ruas sem buscar incessantemente algo novo, algo que faça dar uma atenção maior para o que vejo: seja uma senhora que, sentada num banco, conversa com a vizinha sobre o calor que faz ou sobre a chuva que caiu ontem à noite ou as crianças que correm desesperadas atrás de uma bola. São estas mesmas ruas que apresentam certa tranquilidade onde encontramos movimentos, contradições, e fragmentações, e é na e pela boca do povo que as histórias do bairro vão se revelando, verdadeiras “lendas urbanas” que nos vão sendo apresentadas. Foi assim que passei a dar maior importância a essas histórias, que passei a ouvir, dado a repetência de algumas quando entrevistava os moradores. Numa dessas conversas, conheci a história de Seu Malaquias, já falecido, mas que é conhecido no baixo Roger como o homem que virava lobisomem. Segundo Dona Cota, moradora antiga do bairro, o mesmo era proprietário de um sítio com muitas árvores frutíferas, sobretudo, manga, localizada à Rua Henrique Dias. Malaquias também era o vigia da rua e impedia que as crianças invadissem o seu sítio para roubarem manga. Assim criou-se nessa porção do bairro essa lenda que diz que seu Malaquias se transformava em lobisomem quando alguém invadia o seu sítio. Dessa forma acreditava-se que as crianças ficavam com medo e resistiam à tentação das amarelas mangas que davam aos montes nos pés. O sítio continua existindo bem como a lenda, que está na boca dos moradores. Kléber Dantas, foi o que

nos apresentou a mesma, dizendo ter vivenciado essa época, que segundo ele foi no começo dos anos 1990 e assim nos contou: “Era tanta manga que tinha no sítio dele, mas os meninos ficaram tudo com medo de entrar lá pra pegar, depois que disseram que ele se transformava em lobisomem num teve um que quisesse mais entrar.”

Sr. Eudes é outro morador do bairro que merece menção, o mesmo após ter sua casa incendiada passou a residir no único cômodo dela que conseguiu ficar em pé (o banheiro) e foi ali que o mesmo viveu por anos até falecer, o fato chamou atenção da mídia que registrou a sua curiosa forma de vida, o mesmo morava nas proximidades da “Cabeça do burro”.

Observando fotografias antigas das festas do bairro era comum a presença nelas de um senhor sempre vestindo terno, fiquei curioso para saber quem o era e levei algumas dessas imagens para a população que logo o identificou como Severino Almeida, mais conhecido no bairro como Padinho, e que sempre se fazia presente nas fotos, pois era ele o grande incentivador das festas existentes no bairro.

No Alto Roger, descobri pelas redes de comunicação social que havia uma comunidade destinada a Seu Louro, proprietário de um fiteiro situado a Avenida, dois de setembro, e que é bastante conhecido naquela porção do bairro.

Os coordenadores das manifestações culturais são pessoas bastante conhecidas da comunidade, entre eles: seu Luis, coordenador da Quadrilha Lageiro Seco, a Família Brito á frente da Escola de Samba Catedráticos do Ritmo, Sr Edson Pessoa, que durante muitos anos foi marcador também da Lageiro Seco e que hoje coordena a Liga das Quadrilhas Juninas da Grande João Pessoa, e Fernanda Bevennuty, presidenta da Escola de samba Império do Samba, mostrando assim a importância que as manifestações desempenham para o bairro do Roger.

Os políticos do bairro também possuem representatividade embora seja visível que esta é exercida em apenas uma porção dele: Tavinho Santos e Pedro Alberto Coutinho dividem o bairro em territórios de poder, onde Tavinho fica responsável pela garantia dos pedidos dos moradores da porção baixa do bairro, até porque é lá que se localiza o ginásio o Guarany, que sob sua coordenação abriga grandes eventos esportivos amadores da cidade, bem

como o campo de futebol do Onze, cabendo a Pedro Coutinho atentar-se para as necessidades da porção Alta, porção esta em que o mesmo reside desde infância à Rua da Saudade.

A ligação dos moradores com o bairro muitas vezes é um hábito herdado por seus familiares, entretanto cada habitante consegue construir com ele sua própria história, o descobrindo diariamente em seu cotidiano e assim criando significação para seus espaços.

Eu sei que eu tenho raízes muito fortes com o lugar, por causa da minha família, porque a gente mora há muito tempo aqui, meus avós, meus pais, os meus amigos são filhos dos amigos dos meus pais, que são filhos dos amigos dos meus avós. – Qual a lembrança que vem na tua mente quando tu se lembra da tua infância no bairro? – É... Eu lembro de um bairro sempre tranqüilo, com muito verde, muita árvore, muita rua de barro antigamente, hoje em dia as ruas são calçadas, muito cavalo na rua, me lembro das quadrilhas, das escolas de samba, dos terreiros de macumba, das escolas de samba, dos ursos, das festividades como um todo. (Joalísson Cunha<sup>13</sup>).

As fragmentações que no bairro são apresentadas não ocorrem apenas no tocante ao seu território, existindo a porção do Alto ou baixo e ainda no baixo existindo a Cabeça do burro, Comunidade do S e o Conjunto Mutirão. Essas rupturas também ocorrem quanto às representações culturais, criando verdadeiros “territórios culturais” por vezes impenetráveis, dado a acirrada disputa na qual algumas dessas manifestações hoje se inserem.

A porção do Alto caracteriza-se pelo seu aspecto histórico, tendo sido nessa porção do bairro que o mesmo surgiu, por volta do final do século XIX, localizado sobre um terreno plano. Limita-se a norte com o centro da cidade e apresenta ruas bem distribuídas e aparentemente planejadas com residências que apresentam as melhores estruturas do bairro. Abriga a Igreja de Santa Terezinha, O centro Espírita, os terreiros de Buiu e Batista, a Quadrilha Junina Paraíba, que mesmo atualmente ensaiando na porção baixa do bairro continua a representá-lo dado a sua fundação ter acontecido ali e a Escola de Samba Catedráticos do Ritmo.

---

<sup>13</sup> Morador do bairro e ex- brincantes das Quadrilhas Lageiro Seco e Junina Paraíba. Entrevistado em 5 de janeiro de 2012;

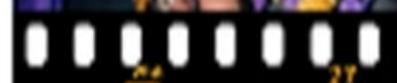
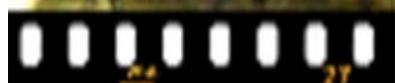
O baixo Roger se situa a partir da porção leste da Avenida Gouveia Nóbrega, sendo uma área de depressão, que se estende da bica aos manguezais que margeiam o Rio Paraíba, a área começou sua ocupação no início da década de 1930 e é caracterizada por abrigar uma população carente, e muitas vezes estigmatizada por ter abrigado extinto lixão da cidade e o presídio. Nessa porção do bairro encontramos a Quadrilha Lageiro Seco, O centro Cultural Piollin, a Casa Pequeno Davi, a igreja de Santa Rita de Cássia e o campo do Onze.

A cabeça do burro é o nome que damos a porção do baixo Roger que se forma no cruzamento das ruas Frederico Chopin e Salvador de Albuquerque, sendo o reduto da Escola de Samba Império do Samba. Segundo os moradores o local ganhou essa denominação em analogia a um cabaré que existia na vizinha cidade de Bayeux, denominado Rabo Do burro, assim os moradores nomearam um cabaré que naquela porção do bairro existia afirmando que se em Bayeux era o rabo ali era a cabeça.

A Comunidade do S representa a parte mais carente do bairro e recebe essa denominação pelo formato de S que o local faz, sendo destinado a recolher o material coletado pelas empresas de limpadoras de fossa da cidade, formou-se ao lado do extinto lixão da cidade, abrigando seus antigos catadores. Nessa porção encontramos vastos manguezais, pedreiras de cal e a Corrida de Argolinha. Importante mencionarmos o trabalho social ali desenvolvido pela comunidade Nossa Senhora Virgem dos Pobres, organizados desde 1982, pelas irmãs franciscanas do Educandário João XXIII, que também se localiza no bairro e que oferecem a comunidade além do trabalho de catequese, aulas de reforço escolar, servindo como um ponto de apoio e reivindicação dos moradores.

O Conjunto Mutirão, iniciado em 1984, na gestão do prefeito Wilson Braga, entregue a população no ano seguinte, foi oficialmente nomeado por Conjunto João Navarro Filho, homenageando ao pai da então primeira dama, Lúcia Braga. O conjunto apresenta apenas sete ruas e localiza-se na porção noroeste do bairro, em área de fronteira com o vizinho bairro do Padre Zé.

### 3- SAMBANDO E XAXANDO PELAS RUAS DO ROGER VOU FESTEJANDO



Pode chegar  
Que a festa vai  
É começar agora  
E é prá chegar quem quiser  
Deixe a tristeza prá lá  
E traga o seu coração  
Sua presença de irmão Nós precisamos  
De você nesse cordão...  
(Gonzaguinha)

O trecho dessa música é bem pertinente para começar as discussões sobre esse grande acontecimento chamado festa, ela que muitas vezes foi vista pelas ciências como um assunto “não sério”, logo, sem tanta importância para maiores reflexões, assim durante muito tempo apresentando timidamente maiores reflexões.

Nesse trecho da música percebemos o caráter atrativo que as festas possuem, sendo elas quando populares, um evento democrático que possibilita a acessibilidade de todos aqueles que queiram visualizá-las, sendo ela uma construção coletiva que possibilita um momento de alegria e descontração onde a realidade diária com seu ritmo frenético é abstraída naquele instante mágico, onde o brincante pode ser aquilo que sua imaginação permitir, podendo lhe fazer assumir papéis que normalmente ele não exerce no seu cotidiano.

Nelas, encontramos o que DAMATTA (1991) chama de desordem. O mesmo sentido, estendemos as festas juninas e carnavalescas do bairro que é o foco central de nossa pesquisa.

Nestas festas, que têm na sua realização formas de eliminar as diferenças socioeconômicas entre seus brincantes, compartilham-se de um mesmo frenesi, como o carnaval, sendo por isso considerada como “festas de desordem”. Assim, *“na festa (...) rimos e vivemos o mito ou utopia da ausência de hierarquias, poder, dinheiro e esforço físico. Aqui todos se harmonizam por meio de conversas amenas”*. (p.69). O referido autor também complementa HALL, trazendo a noção de cultura enquanto relação de poder, buscando entender como o próprio espaço de produção cultural reproduz ou transforma as relações de poder intrínsecas a realidade social, onde os grupos políticos e as classes baseadas em seus anseios se embatem.

### **3.1 - FESTA NO ROGER: UMA ABORGAGEM GEOGRÁFICA**

No campo geográfico brasileiro, as festas, compreendidas como uma representação social e uma prática cultural começam a ganhar maior visibilidade no início da década de 1990, quando surgem os primeiros estudos de Geografia Cultural no país, impulsionados pela criação do NEPEC – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura da UERJ, desencadeando

uma série de eventos que possibilitam sua difusão. Embora, no país essa temática seja recente, no final do século XIX a dimensão cultural já se fazia presente na Geografia europeia, sendo vista como crucial para entender as transformações das paisagens naturais, resultados de uma ação antrópica: “Em realidade, toda ação humana, alterando a natureza, produzia cultura”. (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003. p, 9). Sintetizando o pensamento da Escola de Berkeley, representada pelos ideais de CARL SAUER e tendo como foco os estudos das sociedades tradicionais, predominando o consenso e a homogeneidade cultural; centrado também na Geografia vidalina.

As festas são sem dúvidas manifestações da vida social em que os indivíduos compartilham de uma mesma significância; é um fazer coletivo.

Recentemente, a Geografia tem se dedicado a compreender a espacialidade das festas populares não como a ocupação física de uma área da cidade, mas como a constituição de territorialidades e discursos sobre o lugar que definem a prática sócio-espacial específica daqueles que a executam. (PEREIRA, 2010).

Elas são momentos de serem revistas, e quem sabe (re) atualizadas as experiências sociais compartilhadas pelo grupo, revendo o laço identitário da comunidade, redefinindo novas temporalidades e espacialidades. Um momento de celebração das experiências sociais e de representações de significações e representatividades locais. Assim, essas manifestações, convidam seus participantes a refletirem sobre a forma como pensam, percebem e concebem seu ambiente, atribuindo a ele valoração em sua totalidade ou parcialidade.

As manifestações culturais, enquanto objeto de estudo de maiores investigações na ciência geográfica, tornam-se mais evidente no Brasil com o advento do processo de globalização, contemplando não apenas as questões econômicas do planeta, mas também seus aspectos culturais, ora acentuando, ora particularizando as diferenças culturais no mundo. Ao nos propormos e nos debruçar em estudar essas manifestações tão dinâmicas, precisamos nos atentar para sua importância enquanto elemento possuidor de um valor imaterial inestimável para seus praticantes que lhe carregam de um significado intrínseco só compreendido pelo “*know how*”, sendo elas de extrema importância na preservação da memória e das manifestações culturais

representadas pelas tradições, pelos valores e saberes especialmente dessas festas populares, feito pelo povo e para eles.

... Como ter visão científica de coisas tão próximas, tão comuns, tão normais? Como não se emocionar com fatos que dizem tanto de nós mesmo, de nossos gostos, de nossos prazeres? Como ter visão crítica em relação àquilo que é visto tão naturalmente pela sociedade? Como gostar de uma festa vivê-la, esperá-la o ano todo, e ao mesmo tempo, querer entendê-la? (LIMA, 2002 p, 11).

Essa aparente aproximação com o tema, ora mediada pela familiaridade e convívio já estabelecido, leva-nos a algumas preocupações no intuito de não nos acomodarmos apenas com o já conhecido, buscando olhar o objeto com estranheza, comparando-o a um grande enigma, a fim de ser desvendado. Para esse intuito, adotamos os estudos de VELHO (2003), como referência, este afirmando que o objeto de estudo quando faz parte da vivência social do pesquisador, pode ser uma cilada, uma vez que o analisamos sob a ótica de idéias pré-concebidas, e porque não dizê-las superficiais, enfatizando que o nosso grande desafio é o transformar os familiares em estranhos, onde queremos entender esses questionamentos. Concomitantemente, buscamos nos entender, enquanto seres sociáveis, produtos culturais e compartilhadores de um rico, por vezes despercebido, cotidiano.

Canclini (1983) enfoca a discussão em torno dos estudos sobre os aspectos culturais da modernidade, relacionando-os as questões de inclusão-exclusão social. Sendo necessário para ele, atentarmos para o processo constante de transformação cultural, defendendo seu relativismo e considerando seu consumo como uma característica da cultura contemporânea. Vendo nas festas a acentuação de uma discrepância socioeconômica, que para ele, as representações culturais se tornam *“instrumento para a reprodução social e da luta pela hegemonia”* (p. 34). Nesse ponto divergindo de Damatta.

A mobilidade espacial é outro fato percebido nas manifestações culturais presentes no bairro, em que estas buscam estabelecer vínculos com o público de cada bairro onde se apresentam. Esse fato é percebido quando ao final de cada apresentação os coordenadores convidam o público para deixarem de serem apenas espectadores e passarem a compartilhar, seja dançando,

encenando, ou ajudando ao grupo que estão a assistir, informando sobre o primeiro ensaio para a próxima temporada, mesclando com agradecimentos aos organizadores da festa.

Eu dizia isso a algumas pessoas que vinham de fora, no primeiro dia de ensaio eu dizia isso: hoje você está entrando no meu bairro, amanhã o bairro é seu, e eu vou ver você aqui, a partir de amanhã passeando no meu bairro como se você estivesse no seu bairro, porque o bairro é muito acolhedor e realmente isso acontecia! Ai uma vez ou outra você vê aquelas pessoas que fazem parte da quadrilha, fazer parte de alguma outra coisa do bairro, pegam amizade e aí você vê pessoas transitando pelo bairro, às vezes nem é dia de ensaio, mas pelo simples fato de gostarem das pessoas, tá no bairro, tá conversando, isso é muito normal. As quadrilhas no bairro têm isso, de serem muito acolhedoras, principalmente na Lageiro Seco. As pessoas vêm pra dançar e vê que não é o simples fato de dançar, da apresentação, ela engloba uma coisa maior, ela acolhe as pessoas e as pessoas começam a frequentar o bairro mais assiduamente, começa a conhecer as pessoas, fazer amizades e isso é muito massa! (Kleber Dantas).

Esse contato inicial do então espectador, com a prática cultural decorre a priori por meio de um “encantamento visual” passando a se dar mediante sua vivencia com os espaços do bairro, criando significados para a frequência com que ele passa a estar presente na comunidade, a ponto de reconhecer-se como parte integrante dela, fazendo com que essas manifestações culturais possibilitam aos brincantes não oriundos do bairro e por vezes também da cidade, rever sua visão sobre ele, visão essa muitas vezes estigmatizada pela mídia como um local sujo e inseguro que acaba ocultando sua riqueza cultural.

Eu sentia o maior prazer de sair de Mangabeira na época que eu morava lá para ir dançar no Roger então é uma diferença absurda, é de um extremo a outro praticamente da cidade, então teve épocas que eu ficava caramba eu preciso morar no bairro, eu preciso morar no Bairro do Roger. A relação que a gente cria é tão grande que faz com que você se sinta um dos moradores, um dos integrantes daquela comunidade. Eu tinha uma visão do bairro do Roger muito marginalizada, até porque até certo ponto, eu pensava que o Alto Roger, eu pensava que era o Tambiá e Roger era apenas o Baixo Roger, era essa a visão que eu tinha, eu pensava que o bairro era totalmente marginalizado entendeu? Então depois que eu comecei a ter essa vivencia, é... Passei a conhecer pessoas principalmente

do Baixo Roger, então mudou totalmente minha visão, completamente. (Eduardo Félix<sup>14</sup>).

A cultura se torna uma forma do bairro ganhar nova visibilidade para a cidade, uma vez que nos períodos carnavalesco e junino o bairro passar a ter mais espaço na mídia da cidade, revelando um aspecto positivo que seria suas expressões produzidas pelo povo, assim ocultando, ao menos naquele momento, a visão degradante que uma considerável parcela da população que ali não reside possui, vendo-o como um bairro sujo e violento, fazendo referência ao antigo lixão da cidade, que ali se instalou durante muito tempo, e ao presídio que até o momento continua a existir no bairro.

...As pessoas de fora? Vêem o bairro feio, ah falam: ah, você mora no Roger? (entonação de reprovação), acho que a primeira idéia que vem na mente é o lixão e o presídio sabe? Não param pra pensar nas coisas boas né?...O bairro se torna mais cultural, se torna mais atrativo entendeu? Porque, independente das coisas que as pessoas vêem também quando se passa na televisão que tem escola de samba, ah no bairro do Roger que tem quadrilha, então a gente esquece um pouquinho da violência, esquece um pouquinho das coisas ruins que acontecem né? Então eu acho que isso tem pelo menos referência né? (Jecy Dantas<sup>15</sup>).

Coadunando com os depoimentos acima expostos, o coordenador da Quadrilha Lageiro Seco, atribui ao fator “identificação”, a procura dos brincantes pelo grupo do qual ele coordena. Afirmando que os coordenadores das demais quadrilhas da cidade divergem em aspectos como o consumo de bebidas alcoólicas e a participação de homens transvestidos de mulheres.

Nesse sentido, o diferencial e peculiaridade que a quadrilha Lageiro Seco , que Márcio Mendes coordena, é:

A diversidade, a liberdade, o prazer que os meninos sentem, cada ensaio, é cada ensaio, pode ser sempre aos sábados, mas nunca vão ser os sábados um igual ao outro, vai ser sempre diferente. Então... A liberdade de ensaiar, de se vestir,

---

<sup>14</sup> Ex-Brincante da Quadrilha Junina Paraíba, não morador do Bairro do Roger. Entrevistado em 27 de dezembro de 2011;

<sup>15</sup> Brincante da Quadrilha Junina Paraíba e da Escola de Samba Império do Samba. Entrevista realizada em 13 de dezembro de 2011;

de brincar, a liberdade de dançar, de dizer: eu, eu vou brincar um São João gostoso! Essa é a diferença, por isso que tem essa procura aqui dentro da Lageiro Seco, entendeu? É essa a liberdade; agora claro, a coordenação não abre mão em cima dessa responsabilidade, direitos e deveres andam juntos dentro da Lageiro Seco. (Márcio Mendes<sup>16</sup>)

O conceito do quem vem a ser cultura para alguns dos brincantes muitas vezes vem carregado de um tom de segregação, onde o que eles fazem é cultura, baseados na crença de ser uma expressão construída coletivamente, entretanto, atrações musicais como bandas de forró estilizadas não são classificadas como cultura por um deles. Como exposto no depoimento:

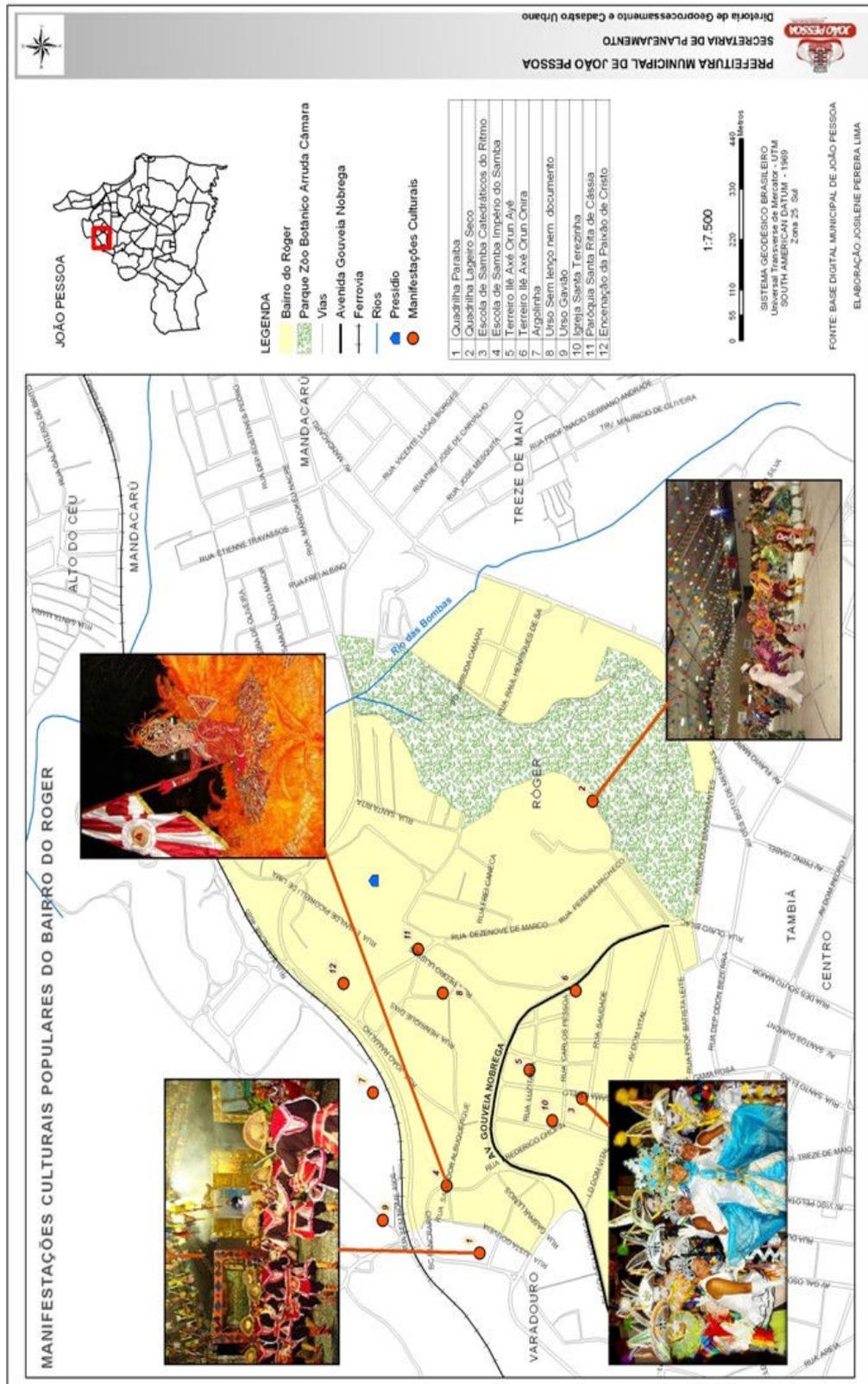
Eu só saio da minha casa aqui no bairro para uma única coisa: ver ou fazer cultura! Eu respiro, eu vivo cultura, eu não faço outra coisa, eu não perco o meu tempo com outras coisas não, com banda de forró, essas coisas eu não perco! Meu tempo todinho é voltado pra fazer pra fazer cultura, pra dançar quadrilha, dançar escola de samba... Estudar, pesquisar, apreciar e viver, e eu vivencio a cultura. (Márcio Mendes)

A fala nos faz perceber que, muitas vezes, os coordenadores não se dão conta de que a manifestação cultural da qual ele participa como brincante, também está inserida nesse contexto de apropriação capitalista, que por vezes, é questionada se mesmo sendo financiado, o festejo continua popular.

As manifestações culturais do bairro distribuem-se de forma regular por sua área. Inventariamos essas manifestações (ver mapa 3) dando ênfase às suas duas quadrilhas juninas e duas escolas de samba. Evidenciamos esses grupos porque apresentam maior visibilidade para as manifestações culturais do bairro.

---

<sup>16</sup> Coreógrafo e coordenador da Quadrilha Junina Lageiro Seco, entrevistado em 13 de janeiro de 2012;



Fonte: PMJP, base digital municipal de João Pessoa.

Elaboração: Josilene Pereira Lima

### 3.2 – QUEM DISSE QUE O ROGER NÃO DÁ SAMBA?

Olhe o carnaval do Roger sempre foi um carnaval bom! Desde que nós viemos morar aqui, porque sempre teve toda vida teve escola de samba, clube de orquestra, tudo vinha pro Roger né? O Roger sempre foi o celeiro do samba! (Seu Mano da Império<sup>17</sup>).

Era uma quarta feira de janeiro, o relógio marcava 19h30min, quando decidi ir ao bairro com o intuito de assistir a mais um ensaio da Escola de Samba Catedráticos do Ritmo, conforme confirmado no dia anterior por um de seus brincantes. Cheguei ao bairro por volta das 20h00min. E já no início da Rua Juiz Gama e Melo, onde deveria estar acontecendo o ensaio, não ouvia o som da bateria como assim esperava, era mais uma noite rotineira nessa porção do bairro, alguns moradores nas calçadas de suas casas conversavam, descansados em cadeiras de balanço e tamboretas, e sorrindo me desejavam uma boa noite.

Mesmo percebendo que o ensaio não estava acontecendo, decidi parar numa lanchonete vizinha a sede da Escola de Samba, aproveitei para lanchar e iniciar um diálogo com a senhora que me atendia, a mesma me informou que hoje não haveria ensaio, pois uma moradora daquelas mediações havia falecido na noite anterior. Logo descubro, com um cliente que ali também lanchava, que a falecida era mãe de um dos integrantes, assim como ele, da Escola de Samba e que não havia sido apenas essa senhora que tinha falecido, pois em seu velório, sua vizinha não agüentou a emoção do momento e acabou tendo uma parada cardíaca, vindo também a falecer, a mesma também tinha filho, brincante na mesma escola.

Ver a noite de uma quarta feira do mês que antecedia o carnaval no bairro daquela forma era diferente para mim, ao invés da batucada eu via num raio de 300m da sede da escola, pessoas conversando, outras lanchando em duas lanchonetes e uma soparia, ou bebendo em dois bares e no churrasquinho da esquina.

O trabalho de campo naquela noite aparentemente não havia dado certo, entretanto o motivo pela ausência do ensaio trouxe a percepção do

---

<sup>17</sup> Atual presidente da Escola de Samba Império do Samba, entrevistado em 27 de janeiro de 2012.

caráter de comunidade existente na escola de samba, a partir do respeito e solidariedade que seus integrantes têm pelos moradores do bairro que eles representam.

A festa naquela noite foi silenciada em respeito ao sofrimento de uma família. NASCIMENTO (2008) registrou em sua pesquisa de campo no bairro uma situação semelhante quando percorrendo as ruas do bairro um aglomerado de gente lhe chamou a atenção. Era um velório que no bairro acontecia e que os moradores lhe perguntavam se ele sabia lhes informar se o corpo já havia saído, o vendo caminhar vindo do sentindo do Ginásio o Guarany, local do velório:

Perguntei sobre o acontecido e a senhora prontamente me contou: “Crime bárbaro, assassinato brutal”, segundo Dona Antonia, “foi coisa feia mesmo, meu filho, braço prum lado, todo quebrado, como é que pode uma pessoa fazer uma coisa dessas com um filho de Deus”. A vítima era um homossexual conhecido por Marta Rocha (pela cabeleira que ostentava), ainda segundo a moradora, estava no Rio de Janeiro de férias da prefeitura de Cabedelo onde trabalhava, foi assassinado depois de sair com um rapaz carioca que após um desentendimento cometeu o violento latrocínio. (NASCIMENTO, 2008, p.111-12)

A rede de informações entre a vizinhança é bastante ágil como podemos observar neste acontecimento, em que diante de um bairro visto como violento, o luto possibilita a sociabilidade do bairro.

Em registro dos memorialistas do bairro, o carnaval de clube foi introduzido no bairro por Manuel Serafim, Waldomiro Ferreira e Augustinho Tomaz no Campo do Onze na década de 1930.

As duas escolas de samba existentes no bairro merecem destaque por suas visibilidades para a cidade. A Catedráticos do Ritmo, criada pela família Brito em 1957, e a Império do Samba criada em 2005. Em ambas percebemos uma forte participação da comunidade, assim como dos brincantes das quadrilhas do bairro, mostrando uma amigável interação entre essas manifestações culturais.

### 3.2.1 - A FAMÍLIA BRITO E A CATEDRÁTICOS DO RITMO

Surgida de uma troça carnavalesca que percorria as ruas do bairro durante o carnaval, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Catedráticos do Ritmo surge em 1970, na Ladeira Pedro Ulisses, tendo seu primeiro desfile realizado em cima de um caminhão. Fundada pela família Brito, tendo a frente seu presidente o Tenente Brito e sua esposa Dona Verbena, consagrada pela escola como sua eterna madrinha. A criação como produção coletiva da manifestação cultural contou com o apoio dos demais moradores do bairro como Agostinho Tomás, Severino de Almeida e Eulália Nascimento, que continuam a participar da escola que conquistou mais de vinte títulos no desfile do Carnaval Tradição de João Pessoa. A escola de quarenta e um anos atualmente situa-se na Rua Juiz Gama e Melo, na casa de seus fundadores e esse ano enfrentou sérias dificuldades financeiras, o que percebemos ser constante entre as manifestações culturais do bairro, ameaçando não desfilar esse ano.

Outra escola que passou perto da desistência foi a Catedráticos do Ritmo, do bairro do Roger. O presidente da escola de samba, José Brito Filho, disse que chegou a anunciar aos membros que a escola não desfilaria este ano, mas voltou atrás depois de ver a reação das pessoas. "O prazer de desfilar ainda prevalece, e por isso decidi que vamos sair mesmo com poucos recursos", diz. O tesoureiro da agremiação, Arnaldo Nascimento, disse que no carnaval passado, foram gastos cerca de R\$ 10 mil, e que este ano, os gastos devem chegar a R\$ 12 mil. (OLIVEIRA, 2011).

Certo dia, fui entrevistar o coordenador de uma das quadrilhas do bairro, antes mesmo de chegar ao local combinado com ele, escutei de longe uma batucada que a princípio pensei ser o ensaio da escola, no entanto eram cerca de dez crianças que, com baldes nas mãos, seguiam o urso e se adentravam pela Rua da Saudade, e demais ruas da porção alta do bairro entoando o refrão: "Ala ursa quer dinheiro, quem não der é pirangueiro!".

Regressando da entrevista, um fato me chama a atenção, quando lanchava numa das lanchonetes do bairro, na mesa ao lado da que sentei duas

crianças, que aparentavam pouco menos que os dez anos, ensaiavam o samba enredo da escola, ambas com a letra do samba enredo nas mãos. Não demorou e logo as crianças foram acompanhadas na cantoria pelo pai da mais nova delas. A dona da lanchonete vinha em minha direção me trazendo o salgado que pedi, aproveitei para lhe perguntar quem eram aquelas crianças que compenetradas e alegres cantavam. Ela responde que a mais nova é seu filho e que sempre ele acompanha aos ensaios que fica ao lado de sua lanchonete, tendo ele ano passado desfilado com a escola, a mesma afirmava que assim como o seu filho, havia outras crianças que também participavam da escola.

Conforme pesquisado por Nascimento (2008) e confirmado pela análise da entrevista realizada com o presidente da escola, há nela o envolvimento de gerações diferentes da família Brito onde o filho mais novo de seu Brito, o Breno repassa para crianças do bairro que participam da escola a arte de tocar cavaquinho que já aprendera com o seu pai, demonstrando assim que o envolvimento para com o festejo acaba tomando a família, que por vezes vêem no filho mais novo a possibilidade de manter no futuro a garantia da permanência na escola. Esse fato demonstra que: “Sem a evidência oral, o historiador pode, de fato, descobrir muito pouca coisa, quer sobre os contatos comuns da família com os vizinhos e parentes, quer sobre suas relações internas.” (THOMPSON, 1992, p.27).

### **3.2.2 - A IMPÉRIO DO SAMBA E SUA AÇÃO SOCIAL**

Criada com a intenção de envolver a comunidade do bairro do Roger com a produção cultural do Carnaval de João Pessoa, aliada ao desenvolvimento da cidadania, correlacionada aos debates sobre as questões de gênero, raça e etnia, contando ainda com atividade de reforço escolar para seus participantes é que em 2004 surge a Escola de Samba Império do Samba, nas proximidades da “Cabeça do Burro”<sup>18</sup>, tendo como sócio-fundadores Dona Penha Souza de Freitas, que outrora esteve à frente da

---

<sup>18</sup> Localidade que se situa no cruzamento das ruas Frederico Chopin e Salvador de Albuquerque no Baixo Roger.

extinta Quadrilha Espigão surgida no bairro, Maria Edvânia de Souza, Maria do Socorro Freitas de Souza, Elza Francisca Chagas, Giberto Barbosa da Costa, Luciano Peixoto, que até o ano de 2011 esteve a frente da Quadrilha Junina Paraíba representando a porção Alta do bairro, e Fernanda Bevenutt, figura emblemática no bairro, no tocante a introdução da discussão de gênero. Busca, sobretudo, a redução dos conflitos derivados do preconceito para com a participação de homossexuais e travestis na escola de Samba a qual chegou a presidir até o ano de 2010. Sendo notícia em veículos de comunicação de massa o seu engajamento (ver anexo 1) .

Além de problemas como a capacitação de recursos para custear a produção da escola, o atual presidente da Escola de Samba Manu do Império, queixa-se quanto à falta de um espaço no próprio bairro, onde possam ser realizados os ensaios da escola bem como sua produção.

... As comunidades se desdobram para financiar seus custos. Para o presidente da Escola Império do Samba, Manu do Império, a principal dificuldade da Escola é a deficiência orçamentária. Ele afirma que durante o ano se realizam muitos bingos e feijoadas a fim de arrecadar verba para o desfile. "Mas, mesmo assim, o dinheiro é pouco para a apresentação de um bom desfile", completa. Por pertencerem, geralmente, a comunidades carentes, as escolas de samba e tribos indígenas também sofrem com a falta de espaço para realizarem seus ensaios e organizarem os desfiles. Presidentes da Escola Império do Samba e da Tribo Papo Amarelo afirmam que, com a falta de sedes, são em suas residências que as reuniões acontecem. "Termina que a comunidade fica muito unida. Nas dificuldades todo mundo se ajuda", declara Genildo dos Anjos, presidente da tribo. (FREIRE, 2011).

Percebemos que as dificuldades pela qual o presidente passa com sua escola são também compartilhadas pelas demais lideranças das práticas culturais existentes no bairro do Roger, podendo afirmar que essa realidade abarca uma grande parcela também das manifestações populares encontradas nos bairros carentes da cidade de João Pessoa.

Embora exista essa grande dificuldade financeira, para os grupos se manterem, os grupos conseguem se organizar e a cada ano produzem um melhor espetáculo.

... Hoje a gente já consegue ver um carnaval melhor em João Pessoa nas escolas de samba, pelo menos nas de samba do Roger, são referencias pra s outras escolas de samba de outros bairros, porque são as escolas de samba que tem mais títulos, são as escolas de samba que se preocupa com os detalhes, se preocupam em levar um figurino legal, se preocupam em fazer uma comissão de frente interessante, não é? Então a gente pensa, tá bem mais organizado. (Luciano Peixoto).

A escola destaca-se pela quantidade de títulos disputada em tão pouco tempo de existência, onde em 2006, primeiro ano em que a Escola participou como concorrente do Carnaval Tradição de João Pessoa sagrou-se campeã tendo até o momento conquistado cinco títulos.

Em 2011 a Escola trouxe para a Avenida o tema: Quem disse que o Roger não dá Samba. Na imagem abaixo o casal de mestre sala e porta bandeira representam o verde existente no bairro, tendo como referência o Parque Zoobotânico Arruda Câmara (Bica), (ver figura 3). Segundo o seu presidente essa foi uma homenagem que a escola prestou a Cultura Popular do bairro que tão bem acolheu a Escola e se envolve para sua realização. A proposta parece ter sido bem aceita, não apenas pela população do bairro, mas pelos jurados do Carnaval Tradição de João Pessoa que sagrou a Escola campeã, assim somando seu quinto título.



**Figura 3**

Casal de mestre sala e porta bandeira 2011 da Escola de Samba Império do Samba

**Fonte:** Jackeline Silva, em 13 de março de 2011.

Foi eu mesmo, que... Eu faço samba! (...) Então é... Porque a gente não ouvia aqui, você ver o Rio de Janeiro, a Portela cantou varias vezes sobre Madureira... e aqui ninguém falava do próprio bairro, quer dizer, para ele não existia o bairro, ai eu tive essa idéia de falar, eu disse vou fazer um samba falando sobre o bairro, inclusive fui criticado, dizendo que não ia dar samba, e eu mostrei que dava!– Que era justamente o titulo né? Quem disse que o Roger não dá samba? – Foi à gente escutou tanto a critica que botou o titulo esse, foi, foi por isso que foi esse titulo. – Como é que foi pensado pra trabalhar esse tema, o que é que vocês imaginaram nas alas como é que vocês imaginavam assim, o que agente vai levar pra avenida pensando no bairro? – Muito simples! Eu pensei o que é que a cultura do bairro vem com a gente? O Pequeno Davi, uma ala representando o Pequeno Davi com toda a arte que ele faz ali, veio o Piollin, com a arte de circo... de teatro dentro da escola, a parte de esporte e a parte dos sambistas, que tem, o Roger é um celeiro de bamba, o Roger é um celeiro de sambistas, quadrilhas, a muito tempo que o Roger é um celeiro de sambistas.(Mano da Império)

A seguir apresentamos seu samba enredo composto pelo próprio diretor.

### **Samba enredo da Escola de Samba Império do Samba - 2011**

**Tema: Quem disse que o Roger não dá samba**

**Compositor: Mano do Império**

**Intérpretes: Edmilson, Eduardo e Danilo**

Ok Ok  
 A festa vai começar  
 A Império se agiganta  
 No conceito popular  
 Sai pra lá  
 Sai pra lá tristeza  
 O trem da alegria chegou  
 Vem do Roger foi lá que  
 Tudo começou  
 Terra de gente bamba  
 Celeiro do samba  
 A ti conquistar  
 Roger que te quero Roger  
 Seu povo vive feliz a cantar

Vou me abalar nesta folia  
 Vai ser muito legal  
 Estou feliz da vida porque hoje  
 É carnaval

Com a arte a cultura  
 Sua festa popular  
 Tem pagode tem esporte  
 Capoeira a brincar  
 És grande Pequeno David  
 Na essência de ensinar  
 Vivendo o artista  
 A nos divertir do teatro ao circo  
 Que maravilha a escola Piollin

Quero ver você  
 Com um brilho em seu olhar  
 Ao me ver  
 Nesta avenida desfilar  
 Brilho de uma paixão  
 Que a Império faz  
 Pulsar seu coração  
 Neste canto de amor  
 Trago paz e união

Ó mãe  
 A mãe natureza  
 Se fez presente na história  
 Nos abençoou  
 Com a fauna e a flora  
 As margens do Rio Sanhauá  
 Estes imensos manguezais  
 Roger mostra a sua cara  
 Os teus filhos imortais  
 Quem o conhece não  
 Te esquece jamais!

O enredo faz referências à força da cultura popular no bairro, sendo ele um celeiro de grandes sambistas da cidade, enfatiza também a atuação no bairro da Casa Pequeno Davi<sup>19</sup> e do Centro Cultural Piollin<sup>20</sup> e a benção que a mãe natureza

---

<sup>19</sup> Fundada em 1985, por religiosos funciona atualmente como uma ONG, assumindo um trabalho preventivo com o objetivo de contribuir para a promoção e defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes em situação de risco social, por meio de ações de educação integral e de intervenção de espaços políticos no estado da Paraíba. Desenvolvendo também atividades com as lideranças do bairro em pro, de uma mobilização para a sua melhoria, diariamente desenvolvendo atividades artísticas, educacionais e esportivas para mais de 300 crianças e adolescentes moradoras do baixo Roger, sendo seu foco contribuir com a mobilização social para o desenvolvimento da comunidade.

<sup>20</sup> A organização foi fundada em março de 1977, e funciona na área de um antigo engenho de cana-de-açúcar, vizinho ao Parque Zoobotânico da capital paraibana, no Bairro do Roger, o Centro Cultural Piollin e formado por um grupo de atores com o propósito inicial de organizar ações de estudo, pesquisa e produção em teatro. Disponível em: <http://www.piollin.org.br/p/historico.html>

deu ao ter no bairro uma fauna e flora diversificada e a passagem do curso do Rio Sanhauá.

Na verdade a escola de samba é como se fosse um degrau a mais da quadrilha, porque as pessoas que fazem as escolas de samba São as mesmas que fazem as quadrilhas. [...] Na verdade uma é extensão da outra, as duas fazendo parte das manifestações culturais do bairro, mesmo sendo em épocas diferentes, elas se complementam. (Kleber Dantas).

É comum percebemos a relação de complementaridade existente entre as quadrilhas juninas do bairro e suas escolas de samba, pois se tratam de duas manifestações culturais voltadas para a função social do bairro, assim, torna-se indispensável essa ligação e interdependência entre elas, embora exista a disputa inclusive sobre essa parceria feita entre que quadrilha apoiará determinada escola de samba e vive- versa. Isto não se constitui uma regra, já que mesmo com a forte tendência de seus brincantes acatarem a escolha do apoio feito pelos coordenadores dessas práticas, os mesmos podem fazer sua própria escolha quanto a que Escola de Samba ou quadrilha deve apoiar.

### **3. 3 XAXANDO PELO BAIRRO: UMA ABORDAGEM DOS SEUS FESTEJOS JUNINOS**

Os festejos juninos do Roger datam da década de 1930, quando o local se eleva a bairro, iniciando, embora de forma lenta, seu processo de urbanização. Os festejos foram se intensificando com a migração de seus habitantes, que oriundos, em grande parte dos municípios do interior paraibano e estados vizinhos, ocupam a porção baixa do bairro, trazendo com seu êxodo, suas simbologias, crenças e costumes. Cabe-nos salientar que as migrações, antes de caracterizar a ruptura cultural de um indivíduo, ajudam-no num processo, não de troca, mas de compartilhamento, absorvendo uma “nova” cultura, concomitantemente, permitindo que a sua própria cultura possa ser compreendida, de forma a integrá-lo nesse novo espaço, a fim de transformá-lo em lugar, fruto de um espaço vivenciado e resultando de uma ação coletiva de uma memória construída. “Uma cultura passa a se difundir

quando os que a compartilham se deslocam, ou quando sua correspondente esfera de comunicação, e símbolos aí incluídos, prevalecem sobre os de outras culturas em novos territórios”. (MIKESSEL E WAGNER, in: CORRÊA e ROSENDAHL, 2003 p. 29).

Esses migrantes foram mencionados nas entrevistas como sendo grandes influenciadores da difusão cultural existente no bairro, sendo eles possuidores e compartilhadores desses saberes no bairro.

O bairro do Roger eu acho... Que dentro da cidade de João Pessoa é um dos bairros que mais cultuam que mais tem essa predominância, a cultura é mais fervorosa aqui no bairro, acho que pelo fato de ser um bairro pequeno e de que as pessoas que anteriormente vieram morar aqui são muitas pessoas do interior, que vieram para trabalhar e acabaram ficando, aí trouxeram alguns costumes de lá entendeu? e que aqui por ser um bairro pequeno, as pessoas se relacionam muito umas com as outras e aí vai passando esse conhecimento, então daí acho que surgiu essas manifestações do bairro.(Kleber Dantas)

A indisponibilidade de referência bibliográfica específica sobre o bairro e seus festejos, inicialmente nos pareceu um entrave, entretanto ela nos indicou outro direcionamento, afinal, muitas vezes o autor, quando escreve, não consegue realmente captar a vivência do cenário que ora descreve, sendo quase sempre um mero observador então resolvemos tomar como referência para a redição desse tópico, a fala dos próprios moradores. Afinal, são eles os principais agentes construtores desses festejos, e essa “é uma estória que eles contam a eles próprios, sobre eles mesmos”. (GEERTZ, 1973, p. 448).

Os primeiros indícios comemorativos das festividades juninas no bairro do Roger confundem-se com a sua própria fundação, haja vista que no transcorrer da década de 1930, já se realizavam as trezenas a Santo Antonio, conforme afirmara seu Jorge Ramalho, morador do bairro há 70 anos. Embora de forma apenas religiosa, aos poucos as celebrações ao ciclo iam ganhando representatividade na comunidade, ocorrendo um envolvimento da população, e que por ele assim foi descrita:

Me lembro quando a gente ia com a imagem de santo Antônio percorrendo as ruas do bairro, isso desde o dia primeiro até o dia treze de junho... Cada dia a gente rezava a trezena numa casa diferente, aí depois da reza, os proprietários das casas ofereciam um

lanche, na verdade, a trezena a Santo Antônio significava a abertura dos festejos juninos aqui no Roger. (Jorge Ramalho)<sup>21</sup>

A parte profana dos festejos tem como norte, o surgimento da primeira quadrilha junina do bairro, a Quadrilha Junina Buraco Fundo, do coronel Zé Bedeu, criada em 1953, na Rua Anísio Salatiel, pelo Senhor Graciano Ferreira. Em decorrência de seu falecimento em 1978, o seu irmão Luiz Ferreira, assume a coordenação da quadrilha, o mesmo estando a sua frente até o presente e que simpaticamente nos concedeu a seguinte fala:

Na verdade, quem criou a primeira quadrilha aqui do Roger, foi minha família, foi o finado Graciano meu irmão, a gente começou a ensaiar ali na Anísio Salatiel, no meio da rua mesmo, isso em 53, a gente começou a ensaiar no dia 10 de março de 1953, de repente rapaz, apareceu tanta gente nesse mundo... e sabe o que era engraçado? É que só tinha mulher, elas dançavam uma com a outra, já pensasse (risos), depois foi que chegando os homens que ficavam antes só olhando. Nesse mesmo ano, só que lá pra setembro, começou a Espigão, só que ela não era aqui no alto onde ela tá agora não, era lá em baixo, perto da praça da SOCIC, e quem fundou e tava na frente dela era Pedin do Ó, ai ficou duas quadrilhas aqui no bairro, a gente e a de Pedim lá pra baixo, esse nome da quadrilha da gente num durou muito tempo não o povo se juntou ai decidiu mudar de nome foi quando ficou: Quadrilha Lageiro Seco, do coronel Zé Bedeu.(Luiz Ferreira<sup>22</sup>).

Percebe-se pela fala dos moradores o tom de nostalgia e bastante emoção pelos que vivenciaram essa época, muitos foram aqueles que durante a pesquisa se emocionaram e contavam detalhes de cada vivência sua.

O caráter coletivo de produção era mantido em sua essência como se faziam nas antigas festas pagãs e até mesmo na inclusão desses festejos no calendário cristão. A preparação do arraiaá, desde a escolha para a sua instalação que quase sempre ocorria nos terrenos baldios, se dava mediante apelo da população junto ao proprietário, que na maior parte das vezes cedia sem maiores complicações. Depois de conseguido o terreno, a população se encarregava de sua construção.

---

<sup>21</sup> Morador do bairro. Entrevistado 20 de março de 2007;

<sup>22</sup> Morador do bairro e presidente da Quadrilha Lageiro Seco, Entrevistado em agosto de 2007;

Era interessante demais rapaz, porque era uma coisa que a comunidade fazia com gosto, se juntava homem, mulher, velho, menino e iam pegar no mangue pau para construir o pavilhão, a gente passava o dia todinho no mangue procurando os paus, aí agente trazia os mais grossos, depois fazia uma cotinha com as pessoas que participavam da quadrilha, pra comprar papel de seda e barbante pra fazer as bandeirinhas que a gente colocava com grude feito de maisena, todo mundo ajudava, até quem não dançava. Hoje a gente não vê mais isso! (Luiz Ferreira)

O brincante Kleber Dantas, também em sua fala, relembrou da significância que momentos como o descrito no depoimento anterior tiveram para que ele pudesse se envolver no universo da cultura popular do bairro.

É uma coisa quase que obrigatória, quase que uma religião aqui do bairro, você fazer parte de alguma forma, se você não soubesse dançar, você tava ali pra apoiar, você tava ali pra organizar, a forma mesmo de se montar o pavilhão, ali era uma festa, eu era pequeno e já me lembro que eu ia carregar o pau nas costas, as tábuas para pegar e fazer o pavilhão, isso pra gente era... Eu sabia que ali ia se apresentar uma quadrilha sabia que ali a gente ia ver amigos nossos dançando, sabia que às vezes ia ter familiares nossos que ali tava dançando, e a gente contribuía para aquilo dali e eu nisso aí, de tá sempre ali no pavilhão, acho que tá sempre olhando o zabumbeiro tocar e querendo aprender, olhar o sanfoneiro e sempre tá ali pequeno mas sempre vendo, de uma certa forma eu fui me inserindo e querendo galgar novos espaços dentro da quadrilha e aí fui dançando. (Kleber Dantas)

Esses pavilhões onde na época realizavam-se as quadrilhas serviam além de lugar para ensaios e apresentações, para o povo se reunir, brincar, soltar fogos, se encontrarem, construindo coletivamente o seu brincar. Neles se realizavam os bingos que serviam para arrecadar dinheiro para pagar o aluguel do som da festa e juntava toda a população que atenta marcavam suas cartelas, objetivando o prêmio que variava a cada ano, de acordo com o que fosse conseguido através de doações pelos comerciantes do bairro.

As brincadeiras eram outras atrações dos pavilhões, preenchendo o tempo e animando os participantes e convidados que chegavam a vir de outros bairros para apreciarem os festejos, antes das grandes atrações da noite, as quadrilhas, entrar em cena. Eram comuns as brincadeiras da dança da laranja, onde se formavam os pares, que dançavam tentando equilibrar na testa a fruta, vencendo o casal que passava mais tempo com a laranja equilibrada. Na brincadeira da dança da vassoura, organizavam-se dois cordões, um de homem e outro de mulheres, onde

de cada vez um cavalheiro convidava uma dama para dançar, cabendo ao cavalheiro dançar com a vassoura caso a dama lhe virasse as costas, indicando a recusa do convite. Dentre as brincadeiras realizadas a mais engraçada para o público era a da farofa, onde os participantes, geralmente dois, deveriam “comer um prato” cheio de farinha, ganhando aquele que em meio aos engasgos, conseguisse comer o prato primeiro. Eram comuns também as brincadeiras que traziam como prêmio alguma quantia em dinheiro dentre as realizadas dentro do pavilhão, citamos a corrida do cordão (ver figura 4), descrita abaixo:

A gente colocava dois componentes da quadrilha, um de cada lado do pavilhão e colocava um barbante na boca de cada um, no meio desse cordão tinha um dinheiro que a gente botava amarrado e quem conseguisse sem a ajuda das mãos, usando só a boca, engolindo o cordão, chegar primeiro na nota, ganhava ela como prêmio. (Luiz Ferreira)



**Figura 4**

A corrida do cordão, uma das brincadeiras realizadas nos pavilhões.

**Fonte:** Angelita Carla Alves (2007)

O senhor Edson Pessoa, antigo morador do bairro e que participou do Lageiro Seco durante 30 anos, e que atualmente preside a Liga das Quadrilhas Juninas da Grande João Pessoa, nos lembra de que grande festa em torno do arraial girava em torno do casamento matuto, precedido pela apresentação da quadrilha, que representava a festa pela comemoração do casamento, disse ele:

Rapaz era uma coisa muito bonita de se ver o casamento matuto que a gente fazia, primeiro que a gente pegava uma carroça, enfeitava ela todinha com palha e bandeirinha e colocava a noiva em cima os componentes tudinho da quadrilha ia pegar ela em casa, ai trazia ela de carroça, percorrendo as ruas do bairro, até chegar no pavilhão, ai lá tava já tudo pronto pro casamento, tinha o padre, o noivo que morria de medo do pai da noiva, que obrigava ele a casar com sua filha porque ele tinha” mexido com ela... Depois da confusão todinha tinha o casamento e o povo ia dançar quadrilha para comemorar, mas num pense que esse casamento era de bolo não, a gente ensaiava, montava um textinho tudo pra ficar bem organizado, a noiva mesmo a gente escolhia aquela menina que fosse mais desenrolada, o padre era o mais gaiato do grupo e assim ia... Eu sei que era muito jóia.(Edson Pessoa<sup>23</sup>)

Na verdade, o casamento matuto foi uma inserção dos festejos juninos nordestinos, que baseados em fatos cotidianos, simulavam um casório, que nada mais é do que uma forma de se criticar de forma engraçada a instituição casamento.

Externamente aos pavilhões, outras brincadeiras eram realizadas com o pau-de-sebo, armado na Rua Carlos Pessoa e no cruzamento das ruas Anísio salatiel e Henrique Dias onde enterravam um grande mastro envolto de sebo de boi e em seu topo colocavam-se uma quantia em dinheiro doada pelos comerciantes do bairro, o objetivo era conseguir subir no pau até apanhar o dinheiro. A criatividade era fundamental para se conseguir o objetivo, conta seu Luiz: - “Subia um no ombro do outro, um dava calço pro outro, mas não tinha jeito, os cabras só conseguiam colocando cinza nas mãos”.

Dona Cota, moradora do baixo Roger há mais de 60 anos, nos lembra ainda dos fogos que eram vendidos em barraquinhas conhecidas como rifas<sup>24</sup> na Rua Pedro Ulisses, lembrando ainda que no bairro era realizado o desfile de

---

<sup>23</sup> Morador do bairro, ex - presidente da Quadrilha Junina Paraíba e atual presidente da Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa. Entrevistado em 10 de julho de 2007;

<sup>24</sup> Segundo (LIMA: 1997.p.28) “As rifas eram feitas com um caixote enfeitado por papéis coloridos, cortados em franjas, dispostos pelas laterais e divisões, onde os fogos eram vendidos a retalho”.

carroças, no qual as pessoas a enfeitavam e desfilavam pelo bairro no período junino. Entretanto, a maior lembrança que ela guarda dos festejos de outrora no bairro, diz respeito às simpatias realizadas pelas moças solteiras, a fim de obterem um casamento:

As mocinhas meu filho, faziam as simpatias principalmente na véspera de santo Antônio, que é o santo casamenteiro né? Mas eu me lembro é do novenário de São João, onde toda moça que ia assistir a missa trazia do altar uma rosa que tava enfeitando o santo, aí elas faziam um pedido a ele dizendo assim: Meu senhor São João eu vou rezar uma salve rainha pro senhor me mostrar com quem eu vou me casar, aí elas colocavam a rosa debaixo do travesseiro, e diziam me amostrai um marido, aí elas sonhavam com quem iam casar, e dava “certo viu, (risos), eu fiz e acabei casando com meu finado marido. Tinha também os cumpadre e as cumadre de fogueira, a gente escolhia alguém que quisesse muito bem e dizia vou tomar minha madrinha de cumadre, aí tirava os tições cumadre, aí tirava os tições da fogueira e dizia: São João disse, São Pedro confirmou, que você fosse minha cumadre que Jesus Cristo mandou, aí agente pulava a fogueira e repetia isso três vezes na última a gente se abraça e comemorava vixe! Chega eu me arripeio quando me lembro, olhe práqui (nesse momento seus olhos, enchem de lágrimas).(Dona Cota<sup>25</sup>)

Dentre as práticas, já extintas, destacamos o roubo das bandeiras de São João, onde no topo de um imenso pau hasteava-se uma bandeira onde a foto do santo era visto, geralmente esses paus eram fincados nas calçadas das casas e colocados pelo próprio proprietário. O que é interessante nessa prática é o furto dessas bandeiras, que eram enfeitadas com muita dedicação, entretanto, geralmente nas madrugadas, é costume haver seu roubo: “-Os mastros eram pastorados para ninguém tomar, mas quem conseguia... tirava pra guardar de lembrança, aqui mesmo na frente de casa eu já coloquei alguns, mas graças a Deus, ninguém nunca roubou porque eu ficava de olho”. (Seu Luiz Ferreira).

Ainda hoje, pode se encontrar esporadicamente essa prática no bairro, embora sem a mesma significância, ela serve apenas como enfeite das ruas no período junino. Uma das ruas onde encontramos essa prática foi a Lusitânia na parte alta do bairro.

No tocante as fogueiras, as mesmas eram realizadas em abundância, Comumente os moradores guardavam em seus quintais pedaços de madeira que

---

<sup>25</sup> Moradora do bairro. Entrevistada em 18 de maio de 2007;

não mais lhe servissem, assim montando suas fogueiras na véspera do dia de cada santo, ali com suas brasas, reuniam a vizinhança para assarem o milho e carnes, ressaltando o caráter coletivo e solidário da festa, onde aquele que não preparou a sua fogueira, nem possuía seu milho, podia compartilhar da do seu vizinho. Em torno dela também eram realizadas as simpatias e pedidos de compadres e comadres de fogueira, a mesma devendo ser acesa pontualmente às 18h00min. Pelo proprietário da casa. Em volta da fogueira as pessoas também, aproveitavam para comerem os pratos que haviam preparados manualmente o dia inteiro eram canjicas, pamonhas, angus, e bolos de milho, era comum a prática da troca de provas de comidas, onde as vizinhas costumavam trocar os pratos que haviam acabado de fazer, os milhos eram comprados em forma de mão<sup>26</sup> no Mercado Central, já que no bairro não existiam pontos de venda.

Atualmente muitas dessas práticas inexistem, em partes pela inexistência de pavilhões, que foram sendo extintos dos festejos do bairro pela burocracia política, hoje a prefeitura exige uma licença para a construção dos pavilhões, que fornecida após pagamento de uma taxa de R\$ 46,00, bastante criticada pelos quadrilheiros, os quais conseguiram recentemente junto a FUNJOPE a dispensa desta taxa, cabendo a aquelas que persistem, mesmo com certas inovações, manterem essa valorosa manifestação surgida da vontade do festejar do próprio povo, que vê nesses festejos uma forma de celebrarem suas vidas, seus laços de amizade e suas crenças.

Em se tratando de festejos juninos, João Pessoa desponta com destaque entre as cidades nordestinas, não pela grandiosidade de suas festas como as ocorridas nas cidades de Campina Grande na Paraíba e Caruaru em Pernambuco, que se duelam na mídia objetivando atrair turistas e assim aquecer não apenas as fogueiras de suas festanças, mas a geração de renda e a disputa saudável pelo título de cidade que melhor celebra os festejos, a primeira afirmando realizar o maior São João do mundo e a segunda o melhor. Na capital paraibana o que se sobressai são as dezenas de quadrilhas que proliferam durante todo o ano pelos bairros periféricos da cidade. Atualmente, existem cerca de 40 quadrilhas na cidade de João Pessoa<sup>27</sup>, que reúnem em suas produções a incrível marca de 6mil pessoas, entre

---

<sup>26</sup> A mão de milho corresponde a 52 espigas.

<sup>27</sup> Segundo dados fornecidos pela FUNJOPE.

dançarinos músicos, coreógrafos, costureiras, artistas plásticos e pessoal de apoio, e que se distribuem por 19 bairros de baixa renda da capital.

As atuais quadrilhas de João Pessoa encantam não apenas pela sua alegre dança, mas principalmente pela recente introdução de elementos cênicos, compondo uma miscelânea cultural rica e fundamentada em incessantes pesquisas que geram temas para reveladores espetáculos (ver anexo 2), aonde a população vinha a se identificar reconhecendo-se como parte integrante do festejo, embora muitas vezes, assuma a função de mero espectador. Logo, as quadrilhas num nível não apenas local, mas já regional, vêm deixando de serem vistas apenas como atração dos festejos juninos escolares, para travarem hoje acirradas disputas entre espetáculos que envolvem a dança, teatro e música juntamente com o público, que para atender as exigências da “dominante” e crescente cultura de massa, reformula-se anualmente, chegando a serem criticadas pelos mais idosos e por vezes descaracterizadas enquanto elemento representativo do povo nordestino.

Parafraseando Magdalena Almeida (2001) “a quadrilha junina torna-se um movimento que não é só imagem”, revelando, sobretudo os interesses capitalistas quanto à realização dessa manifestação. Mas que interesses são esses? O que se revela por trás daquele espetáculo que vislumbramos em suas apresentações? Como o público reage a tudo isso?

É bem verdade que as mudanças observadas nas quadrilhas ultimamente são frutos num primeiro momento do intercambio cultural que essas desenvolvem, quando ao se apresentarem em outros estados acabam trazendo para seus espetáculos, reproduções e adequações de novos elementos ali vistos, seja no vestuário, na parte musical ou nos elementos cênicos. Porém o marco crucial para a compreensão dessa nova forma de conceber as quadrilhas em nossa cidade é decorrente dos “concursos de quadrilhas promovidos pela Fundação Cultural de João Pessoa - FUNJOPE, desde 1996, culminando como a grande atração da programação do Arraiá do Varadouro<sup>28</sup>, diariamente nos quatro dias de concurso. Essas transformações podem ser vistas tanto naquelas quadrilhas que se dizem tradicionais, mantendo certa resistência a essas inovações, e diga-se hoje em minoria, como principalmente nas estilizadas, que trazem como objetivo a palavra ousadia.

---

<sup>28</sup> Denominação dos Festejos juninos do Centro Histórico de João Pessoa.

Na minha quadrilha só tem gente que brilha, só tem gente que brilha na minha quadrilha [...] nos vamos ganhar em 1º lugar”. (Alcymar Monteiro,2007)

Esses concursos a nosso ver têm como principal objetivo, transformar a quadrilha numa “mercadoria” pronta para ser vendida na mídia como “o carro chefe” dos festejos juninos da capital paraibana, e, por conseguinte seus brincantes em competidores, que se duelam dentro e fora de um tablado rodeado por arquibancadas superlotadas e olhos atentos. Assim como o concurso já mencionado, podemos perceber esse caráter comercial do festejo em outros concursos realizados na cidade como a festa na roça, promovido em parceria entre a TV Tambaú (afiliada do SBT na cidade) e a Federação das Quadrilhas Juninas da Paraíba, além do arraial do SESC, promovido por ele próprio (ver anexo 3). Questionado sobre a repercussão que esses concursos representam para os grupos os coordenadores assim pensam:

Com as escolas de samba e pra carnaval, tem que haver concurso! É um incentivo, melhorou! Porque toda vida, eu brinco carnaval desde 1964 e toda vida no meu carnaval sempre teve concurso, não é como quadrilha, a quadrilha veio começar agora, bem dizer a uns quinze anos atrás, mas é o incentivo de se fazer a escola de samba é o concurso, é aquele prazer de ganhar, sem concurso... - e vocês na verdade se preparam para isso não é? –É claro! Sem concurso não tinha estímulo nenhum pra gente fazer, pra brincar então a gente fazia um bloco, até os ursos hoje, os ala-ursa hoje tem concurso. (Seu Mano da Império).

A quadrilha tradicional é belíssima, é lindo não tem quem faça um trabalho moderno se você não beber da fonte que é o tradicional, o passado. Então é o seguinte: tema de enredo de escola de samba, você tem que voltar pra você ler, pra você ver como era , como se fazia, como se criava, mas você tem que inovar, senão acaba, e tem muita coisa boa que ficou pelo tempo justamente por causa disso, dessa falta de cuidado, dessa falta de tempero, incentivo! E eu acho que os concursos de quadrilha trouxeram isso, esse estímulo pra gente! (Márcio Mendes)

As falas desses coordenadores deixam clara a preocupação que esses grupos possuem ante a uma renovação de seus espetáculos, visando atender ao anseio não apenas de seus brincantes, mas de um grande público que se aperta nas arquibancadas para ver um grande espetáculo, que representando o bairro onde moram, representam a si mesmos. A preocupação desses grupos passa a ser

também o de atender as expectativas dos espectadores, entre eles uma banca de jurados que avaliam naquele momento a produção de um ano inteiro de pesquisa, de construção, de ensaios.

Nesses concursos é comum ouvirmos comentários sobre as modificações dessas expressões culturais, variando de acordo com a faixa etária do grupo. Ouvi certa vez, num concurso de quadrilha, uma idosa que sentava do meu lado afirmar: - “Menino essas roupas das quadrilhas mais parecem roupas de escola de samba!” Nesse mesmo instante sua neta que observava tudo admirada retrucava: - “Eu acho essas meninas dançando com esses vestidos coloridos tão bonito vovó, quando eu ficar grande vou pedir pra mainha pra eu dançar também! “

Percebemos que há entre os produtores culturais novos anseios em colocar seu grupo na rua, a competição é uma delas, a visibilidade que esses concursos dão para os seus grupos. Destarte, percebemos que essas manifestações culturais vem sendo constantemente (re) significadas por seus usuários, dão dinamicidade a sua construção, o mais importante é que essas manifestações mesmo mudando a sua cara, como afirmado por alguns expectadores, sempre inovando, não percam seu sentido, sua origem!

Assim, as quadrilhas hoje apresentam um interesse de mão dupla. Além do reconhecimento do seu espetáculo, através de premiações, almejam conhecer outras capitais e representar o estado em eventos regionais e até nacionais, não medindo esforços para alcançarem os seus anseios, fazendo as mesmas dependerem cada uma de um custo variável entre R\$ 5.000 e 10.000 para a produção de seus espetáculos, que baseados no desenvolver de um tema escolhido por cada uma, buscam geralmente em rápidos 00h30min. mostrar o que foi desenvolvido durante os ensaios que aconteceram desde o ano anterior e que buscam não apenas agradar ao público, que a cada ano multiplica-se com suas torcidas organizadas, mas principalmente aos rigorosos jurados que julgam entre outros itens: trio pé de serra/ acompanhamento musical (hoje além dos tradicionais, sanfona, zabumba e triangulo, já são introduzidos: o violão, pandeiro, cavaquinho, baixo, bateria e ate percussão), animação, marcador, coreografia, figurino, temática, casamento matuto e entrada no arraial. Em contra partida vimos o interesse dos órgãos públicos quer sejam na esfera municipal ou estadual no apoio a essas quadrilhas que ao receberem condições de representarem o estado em outros

lugares, passam também a ter a função de divulgadora cultural do Estado, sendo ela a “garota propaganda” dos nossos festejos juninos.

Percebemos isso quando vimos apresentações de quadrilhas em aberturas de eventos, onde as empresas de turismo, hotéis e organizadores de eventos em parceria com a liga de quadrilhas, promovem apresentações em seminários, feiras, congressos, (ver anexo 4), mediante cachês acordados entre os envolvidos, aonde os grupos vêm ali, além de oportunidade de mostrar um elemento da cultura do nosso estado vislumbram a oportunidade de receber convites para se apresentar em outros estados. Quanto à relação existente entre as manifestações culturais do bairro e a atividade turística, registramos:

Por exemplo, o ensaio da quadrilha aqui no bairro é uma festa, apesar de não ser mais na rua, apesar de ser num lugar fechado, mas quando chega no mês de março os ensaios são uma verdadeira festa, porque é ao vivo né? A comunidade pode assistir, então porque não o turista ta lá? Entendeu? Quando acontecem as prévias, porque há previa de São João também, o turista não vai lá porque? Porque não há esse trabalho, não há esse trabalho do poder publico em levar o turista para lá, então a gente perde com isso. (Luciano Peixoto)

O coordenador da Quadrilha Junina Paraíba, afirma que existe uma deficiência do poder publico quanto à atenção dada e aos investimentos nas atividades culturais desempenhados no bairro, que a seu ver é um atrativo turístico não apenas para o bairro, mas também para a cidade, comparando a atenção que outras cidades dão a cultura popular. Nesse sentido, aliado a esse pensamento, ele menciona que os grupos do bairro tanto aqueles que se organizam no carnaval como nos festejos juninos, não se organizam e se unem pensando nessa possibilidade de maior visibilidade turística, que acarretaria no seu crescimento.

Cabe salientar, que os eventos e festivais que reuniam as quadrilhas antes de 1996, chegavam a serem competitivos em alguns casos, mas com a rivalidade que se figura hoje, antes buscava atrair uma quantidade possível de espectadores, que atentos, identificavam-se com a prática cultural. Essa rivalidade é algo que embora tenha resultado em agressões entre brincantes de grupos rivais. Estes, contraditoriamente são vistos como um elemento a mais para estimular a garantia da permanência do grupo que visa sempre mostrar um melhor espetáculo que a sua rival.

Com rivalidade, é rival um do outro... Com certeza a partir do momento que a Império do Samba foi fundada no baixo, a Catedráticos do Ritmo é rival de matar... Se for possível de matar a gente! É rival, não tem esse período bom ou mal não é sempre rival!- Mas vocês têm contato, tem amizade com as pessoas de lá?-Não, não, nada! Nenhuma! É como se fossemos inimigos, é desse jeito! (Seu Mano da Império).

Embora a rivalidade exista, quando uns dos grupos ganham algum concurso, o bairro inteiro comemora, naquele instante não foi apenas uma porção do bairro que saiu vitoriosa, mas toda a população.

Também tem essa divisão aqui no bairro, uma parte dos moradores gostam da Lageiro, outra da Paraíba, uma gosta da Catedráticos, outra da Império. Nos dias de concurso o bairro inteiro vai pra torcer e no resumo geral, quando um dos quatro trazem o título para o bairro, ai nessa hora todo mundo se junta, quem ganhou foi o Roger. O povo vai pra rua, saem comemorando, percorrendo as ruas do bairro, é aquela festa! (Márcio Mendes)

São fatos como esses que nos permitem evidenciar o forte envolvimento da comunidade com suas manifestações culturais, pois ali eles se reconhecem como moradores do bairro, se sentindo representados, valorizando sua estima.

Nesse contexto que o bairro do Roger apresenta duas quadrilhas.

A Lageiro Seco, (ver figura 5) fundada em 1953, pelo senhor Graciano Ferreira, que inicialmente ganha o nome de Fazenda Buraco Fundo do coronel Zé Bedeu, e que em 1978, com o falecimento de seu fundador, passa a ser organizada pelo irmão, Luiz Ferreira, que está á frente da quadrilha ate hoje. Representando o baixo Roger, a quadrilha, hoje com 59 anos, é a atual tri-campeã municipal e penta-estadual, tendo conseguido no ultimo concurso regional realizado em 2006, aqui no estado, a melhor colocação de uma quadrilha de João Pessoa no evento obtendo a 3ª colocação. Tendo ainda sua participação na novela Celebridade, exibida em horário nobre na rede Globo no ano de 2004.



**Figura 5**

Quadrilha Lageiro Seco. Espetáculo 2009.

**Fonte:** Zé Mendes Jun/2009

A Quadrilha Junina Fazenda Paraíba, do coronel Pessoa é a representante do alto Roger, sendo criada em 1996, pelo senhor Edson Pessoa, atual presidente da liga das quadrilhas juninas de João Pessoa, após uma fragmentação da Lageiro Seco; a quadrilha já foi duas vezes campeã do concurso municipal, tendo por reconhecimento do seu título em 2002, o convite da cantora Elba Ramalho de fazer a abertura da festa de São João da Rede Globo. Atualmente vem sendo conduzida pelo seu coreógrafo Luciano Pessoa. E infelizmente não sairá esse ano já que em virtude da saída por motivos de deslocamento profissional do seu coordenador e coreógrafo para outro estado não houve até o presente quem assumisse tamanha responsabilidade.

A outra quadrilha do bairro é a Fazenda Espigão do coronel Cícero Bedeu, fundado em 1953, pelo já falecido Pedrinho do Ó, a quadrilha por uma questão de escolha própria resolve não participar dos concursos, por isso não representando tanta visibilidade como as outras do bairro. Sendo o ano de 2005 o último ano de sua organização feita por Dona Penha.

Cabe aqui registro da Quadrilha Chão Fundo, do Coroné Noió Brechola, conforme informe do memorialista João Batista, que afirma que amesma pouco tempo durou.

Segundo dados emitidos pela prefeitura Municipal de João Pessoa, através da FUNJOPE, sua Fundação cultural, as quadrilhas na cidade representam importantes contribuições para as comunidades da qual fazem parte, conforme elencado na tabela abaixo.

**Tabela 1**  
**Os múltiplos aspectos que envolvem a produção artística cultural das**  
**quadrilhas juninas**

<b>ASPECTOS</b>	<b>REFLEXO SOCIAL</b>
Organização da comunidade	Visa fazer com que a comunidade passe a tomar gosto pelo folguedo e o conceba como seu.
Trabalho coletivo	Mobiliza os comunitários em torno da montagem do espetáculo da quadrilha.
A interferência da quadrilha junina na vida familiar dos integrantes	Desencadeando ações sociais que impulsionam crianças e jovens, a fim de tirá-los de situação de risco.
Criação de mercado de trabalho	Gerando emprego e renda.
Interação com os trabalhos desenvolvidos na comunidade, mobilizando esforços, reunindo pessoas	Participação em campanhas sociais desenvolvidas no bairro, quase sempre pelo poder público, igrejas, associações comunitárias e culturais.
Articulação e administração das inúmeras diferenças que, inevitavelmente surgem em meios a grandes grupos artísticos	Valorização e implementação de ações que visam às relações interpessoais entre os integrantes da quadrilha. Valorização da ética em grupo.
Valorização da arte	Estimulo a pesquisas folclóricas e de temas regionais. Realização de oficinas. Estimulo a participação em oficinas, cursos e seminários.
Participação em concursos, festivais e eventos públicos	Valorização da quadrilha junina enquanto folguedo do folclore nordestino. Valorização do espetáculo como grupo artístico. Representação do município em festivais nacionais (valorização da política cultural desenvolvida pela prefeitura de João Pessoa)
Visão de política cultural	Maior conhecimento dos seus direitos enquanto detentores e produtores de cultura popular. Luta por uma melhor participação na receita oriunda das leis de incentivo a cultura.

**Fonte:** FUNJOPE/ Divisão de Cultura Popular, 1998.

### 3.4 AS FESTAS RELIGIOSAS

A religiosidade dos moradores é expressa por práticas majoritariamente católicas. No entanto, percebemos a evolução das correntes evangélicas, representadas no bairro pelas igrejas Assembléia de Deus, e Betel Brasileiro, tendo sido a Igreja Presbiteriana a primeira dessa corrente a se instalar no bairro em 1962, conforme nos informou o memorialista do bairro João Batista. No bairro também encontramos o Centro Espírita Maria Madalena localizado na Rua Luzitânia e que foi fundado em 1 de janeiro de 1964.

As práticas religiosas afro-descendentes também estão representadas no bairro podendo ser encontrado o Terreiro Ilê Axé Orun Ayê, mais conhecido como o terreiro de Batista, localizado na Rua Luzitânia e o Ilê Orun Onira, conhecido como o de Buiú, esses são os reconhecidos pelo mapeamento dos terreiros da cidade segundo consta na PMJP. Cabe aqui também o registro do antigo terreiro do Jorge, que se localizava na Rua Carlos Pessoa, bem próximo a Igreja católica de Santa Terezinha.

Dentre as práticas religiosas o catolicismo merece destaque, já que a história do bairro está integrada às suas ações, já que o terreno onde ora estão edificadas as construções do bairro é de propriedade da Arquidiocese, após doação em 18/07/1986, pelo senhor Francisco da Penha Mesquita e sua esposa, na época valendo a importância de R\$ 12.000.000,00 Até hoje, os moradores adquirem através de compra apenas os imóveis, cabendo aos mesmos resolverem junto com o departamento de patrimônio da Arquidiocese, a aquisição do terreno, recebendo assim o laudêmio, nome do documento que certifica a transferência, cabendo a Arquidiocese a permissão ou não da venda. Caso o morador opte por adquirir apenas o imóvel, este deverá pagar anualmente uma taxa a igreja referente ao valor pago pelo uso do terreno, conhecido como foreiro esta variando entre R\$ 10,00 e R\$ 20,00 dependendo da dimensão do imóvel. Depois de dez anos de moradia no mesmo terreno, lhe é assegurado o seu poder de compra, entretanto, mesmo não sendo “obrigatório” o inquilino que por três anos consecutivos não pagar a taxa correspondente ao seu imóvel, poderá ter seu terreno tomado pela arquidiocese, cabendo a ela indenizar o morador pelo que já foi edificado, fato este ainda não executado. Conforme nos foi informado por Valter Holanda, responsável pelo setor de patrimônio da Arquidiocese, poucos são os moradores que possuem a posse de

seus terrenos, bem como aqueles que pagam regularmente a taxa anual referente ao uso do espaço. Cabe salientar que essa prática de cobrança também é registrada em alguns trechos dos bairros da Torre e Jaguaribe.

Atualmente o bairro abriga dois templos católicos (ver figura 6), a então Paróquia de Santa Terezinha no alto Roger, que teve início em 14/03/1934 através de doações de seus fiéis que retribuía as graças alcançadas. Em 1962, torna-se paróquia e com o empenho da população católica, os habitantes começaram a movimentar-se para que o bairro passasse a ser chamado de Santa Terezinha. No alto Roger encontramos a Capela de Santa Rita de Cássia, que teve sua formação inicial em 1938 com a criação da Escola 19 de março. Em 1945, com o apoio do Padre Zé foram iniciadas ações catequizadoras na escola. O que motivou a transformação da escola em capela, fato ocorrido na segunda metade da década de 50. A opção pelo nome da capela se deu após eleição, o título de padroeira oficial da Capela e da comunidade da parte baixa do Roger. Importante nesse fato é percebermos que a distinção entre a parte alta e baixa do bairro, mas uma vez é evidência, já que a Igreja Santa Terezinha já existia e que poderia assim, ser a padroeira do bairro.



**Figura 6**

Igreja de Santa Terezinha (à esquerda) e Paróquia de Santa Rita de Cássia (à direita)

**Fonte:** Arquivo do Autor - Nov/2010

As festas referentes “as padroeiras” do bairro, eram realizadas com muito fervor sejam nas suas manifestações sagradas ou profanas, perdendo seu prestígio no transcorrer do tempo.

Jorge Ramalho, antigo morador do bairro, e com 80 anos, lembra bem desse tempo em que a festa teve seu auge:

Eu me lembro bem, desse tempo... Cada rua tinha seu noitário, cada casa doava um prato, e a organização do evento composta pelos membros da igreja faziam acordo com as cervejarias para pagarem com 60 dias, a gente pagava com o dinheiro que arrecadávamos na festa, tinha bingo com um prêmio que era doado, parque de diversões, correio-elegante onde as mocinhas bem vestidinhas levavam numa cesta bem enfeitada os recadinhos apaixonados junto com um doce, em troca de uma pratinha, além das barracas de lanches e pavilhão no adro da igreja, onde todo lucro era revertido em obras e aquisição de equipamentos para a igreja. (Jorge Ramalho)

O depoimento de Jorge, assim como os demais presentes nessa pesquisa nos mostram a importância que esse ato de rememorar esses capítulos da história do bairro representa afinal, “A história oral [...] pode devolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras”. (THOMPSON, 1992, p.22)

Atualmente essas festas continuam a acontecer, entretanto não apresentam a mesma significância, onde a parte religiosa limitou-se as novenas, cabendo a parte profana a difusão do festejo, este promovido em apoio das igrejas e dos políticos do bairro que aproveitam para se divulgarem, trazendo as atrações musicais, hoje a festa de Santa Rita de Cássia é mais divulgada e freqüentada que a de Santa Terezinha, já que os investimentos são maiores. Dentre as comemorações católicas do bairro, constata-se também a encenação da Paixão de Cristo, realizada no campo do Onze (time de futebol), e organizada pela Comunidade Santa Rita de Cássia, tendo sua primeira encenação, na Semana Santa de 1993. Quando os jovens do Grupo de Oração Nosso Senhor, decidiram se organizar para encenar a Paixão de Cristo, estes recebendo um grande apoio dos adultos que participavam do Grupo de Oração “Bênção sobre Bênção”.

Os nomes de Conceição Ferreira, Patrícia Araújo, que encenou a primeira Maria do espetáculo, Júnior, Rinaldo Araújo, entre outros, foram os precursores na organização do evento, sendo atribuído a Rinaldo escrever o texto e dirigir o

espetáculo onde o mesmo também encenou Jesus. Em 1996, Rinaldo se casa e se muda para outro bairro da cidade, se ausentando da encenação, o fato preocupou os jovens da comunidade, que temiam o fim das encenações do bairro, foi quando João Batista decidiu assumir os trabalhos, e que abaixo relata esse momento:

A pesar de não conhecer as técnicas de teatro, acreditava que se juntássemos as experiências de cada um, nós poderíamos dar continuidade as Encenações da Paixão de Cristo. Reuni o pessoal no início de 1997 e criamos uma coordenação, confiada aos jovens mais experientes. Estes por sua vez não tiveram pulso para tocar os trabalhos. E quando chegou o mês de março, sem que as encenações tivessem começado, a coordenadora do Grupo de Jovens pediu-me que colocasse os adolescentes na frente dos trabalhos, lhes dando a ajuda necessária. Acreditei no talento deles e acatei o pedido. Animado com os entusiasmos dos adolescentes, fiz algumas adaptações ao texto elaborado por Rinaldo, acrescentando a Entrada Triunfante de Jerusalém. Encabecei os trabalhos e começamos os ensaios. O certo é que conseguimos realizar a encenação. Tendo como atores principais: Eder José, no papel de Jesus; suas irmãs, Maria Eucimar, representando Maria, a mãe de Jesus; Mirley, como João Batista e os outros personagens. Desta vez, recebemos o apoio de Ricardo Santos, irmão do vereador Tavinho Santos. Realizamos uma encenação que causou a maior repercussão entre os atores e a população. A TV Tambaú filmou todo o espetáculo. E no dia seguinte, no Telejornal, da noite lançou os melhores momentos das encenações no ar. Esta foi sem dúvida o melhor momento das Encenações da Paixão de Cristo. (João Batista)

### 3.4.1 OUTRAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS POPULARES DO BAIRRO

O Bairro do Roger desde sua formação é caracterizado como um bairro festeiro, em que os habitantes conservam suas raízes através das expressões culturais que mantém viva até hoje.

O desfile cívico do bairro é evento de destaque, realizado na Avenida Gouveia da Nóbrega, abriga as escolas públicas e privadas, além de ONG'S do bairro e a presença de fanfarras convidadas.

As lapinhas eram organizadas, para abrilhantarem os eventos do bairro, por seu Zé Pequeno, na Rua Borges da Fonseca, onde os cordões azuis e encarnados disputavam após suas apresentações a simpatia do público, que através de aclamação indicava o cordão vencedor, as pastorinhas ofertavam os buquês que traziam para a apresentação e o público colocava dinheiro nas bandeiras que representavam os cordões.

As argolinhas disputadas entre dois cavaleiros que tem como meta acertarem as argolas penduradas em um local relativamente alto com os cavalos em movimento atraem até hoje um considerável público na Comunidade do "S"(ver figura 7), todos os domingos à tarde, um grande público se reúne margeando a Avenida Ayrton Senna ,ali pessoas comem seu churrasquinho e tomam sua cerveja vendida em tendas de plásticos ou barracas montadas bem próximo da pista da argolinha,sendo ali além de um espaço para o lazer, um espaço para se acrescentar o rendimento mensal de algumas poucas famílias, enquanto crianças correm ou soltam pipas.

O evento atrai competidores de outros bairros da capital que visam, sobretudo, conquistar o prêmio em dinheiro disputado em campeonatos ocorrido esporadicamente, tendo assim ganhado aceitação popular no bairro.



**Figura 7**

Corrida de Argolinha na comunidade do “S”

**Fonte:** Joalísson Cunha - 2006

Ainda nessa porção do bairro, presenciamos em nossas idas a campo da disputa entre as brigas de galos, que parecem acontecer as “escondidas”, dada sua irregularidade, sendo a prática considerada um crime ambiental

Infelizmente, com o falecimento de seus fundadores, essa tradição foi sendo extinta do bairro. Merece destaque também a organizada pelo casal Seu Ciço e Dona Ciça, que desenvolveu a atividade pelos idos dos anos 1960, sendo extinta após o falecimento de Dona Ciça em 1996.

Quando questionado sobre o que fazer quanto à permanência de algumas dessas manifestações e a extinção de outras, os entrevistados fizeram os seguintes comentários:

Eu acho que não tem que fazer nada! Tem que fazer até onde dá para fazer, o que tem que fazer! Eu acho que se existe um esgotamento das coisas é porque as pessoas não têm consciência e se não tem consciência é porque algum motivo lhe levou a não ter consciência, aí à gente fica viajando com a ilusão de que alguém tem que proteger, tem que resguardar, quem faz é que devia fazer isso, quem tá de fora às vezes quer resguardar, mas não participa então... Eu entendo tudo como um processo normal da contemporaneidade, da humanidade, não vejo problema não, às vezes eu fico triste porque todo mundo tem saudosismo, tem saudade de ver, quer que

seu filho veja o que você fez, mas eu sou desprendido disso, não tenho problema com isso não! (Joalísson Cunha)

A fala do morador nos permite analisar o papel atribuído à cultura como uma forma de expressão do pensar de seus feitores, compreendida não mais pela ótica supra - orgânica, onde se explicava por si só. Ela precisa ser considerada como parte do cotidiano, considerando-se sua condição atual, sem perder de vista seu passado, e parafraseando Stuart Hall, ela deve ser meio pelo qual as pessoas transformam seu mundo cotidiano material num mundo de signos significativos ao qual lhe atribuem sentidos e valores.

A dinamicidade é algo recorrente atribuído à permanência da cultura, acompanhando as modificações da sociedade, uma vez que ela deva ser a expressão dela, de sua forma de pensar e conceber a realidade, logo se sua forma de pensar é dinâmica a sua resultante cultura, também será.

Se a cultura estagnar, ela acaba! Como tem muitos folguedos hoje no Brasil inteiro que já se foram, foram embora, justamente por causa disso porque estagnou no tempo, ficou parado, não teve um cuidado, não teve uma mudança, não teve uma inovação e com isso o próprio tempo crucifica. (Márcio Mendes).

Outro importante ponto de expressão cultural no bairro é o Teatro Piolim, que em sua formação abrigava um engenho e que hoje além de funcionar como sede de um dos núcleos Pró-Jovem, abriga um grupo-escola de teatro, música, capoeira e os ensaios da quadrilha junina Paraíba. Eventualmente ocorrem nesse espaço apresentações teatrais e gravações de documentário e curta metragem, além de eventos de moda e palestras.

Essas manifestações culturais são vistas também para seus brincantes como um espaço de ocupação para os jovens do bairro, afastando-os de caminhos que segundo eles os levem a entrar no mundo da marginalidade e das drogas.

Por ser um bairro de periferia, aonde às vezes a droga chega com mais facilidade, as pessoas tem mais acesso a isso, só que às vezes você inserido em algum grupo cultural você esquece as drogas, porque isso pra você não vale a pena... Na verdade todos os meus amigos poderiam tá nesse meio! E eu acho que se referindo mais pela minha vivencia com as quadrilhas, ela tirou a gente do lado das drogas e de outras coisas, de querer roubar e de outras coisas mais e inseriu a gente no lado da cultura. (Kleber Dantas)

Entre os entrevistados que coordenam esses grupos, foi consenso mencionarem as dificuldades de se fazer cultura hoje não apenas no bairro, mas na cidade, alegando o fato do pouco investimento financeiro do setor público, onde escolas de samba do interior do estado do estado recebem uma verba maior que as da capital para organizarem seus espetáculos.

É difícil fazer cultura dentro de João Pessoa, a gente vê Recife aqui tão pertinho, mas tem um investimento absurdo no sentido quadrilha. E no sentido carnaval, um exemplo a cidade de Sousa, que é uma município do sertão da Paraíba, eles investem três vezes mais do que a capital investe no carnaval tradição tá entendendo? Então em relação as outras cidades até no estado da gente, estamos muito atrasados nesse sentido, muito. (Márcio Mendes)

Foi comum também a afirmação de que são essas expressões culturais o grande diferencial do bairro em relação aos demais da cidade.

Eu acredito que o bairro do Roger, com respeito aos outros bairros, é assim o bairro que faz a diferença num é? Quando chega o São João, por exemplo, quando chega o carnaval, eu acho que as outras comunidades assim, param para assistir o Roger, pra mim isso me honra sabe? Assim, eu fico... me sinto... como é que se diz?... Um artista (risos), me sinto uma celebridade, porque eu vejo que as outras comunidades, os outros bairros, que até tem movimentos culturais, respeitam o movimento cultural do nosso bairro, porque sabe que é um movimento que tem mais vigor, é um movimento mais antigo. (Luciano Peixoto)

## 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Vez e voz” são essas as palavras com que gostaria de iniciar essas primeiras conclusões que a pesquisa nos trouxe. Ao estudar o bairro do Roger numa perspectiva de espaço humanizado e como tal impresso em sua existência diária pelas práticas culturais dos seus moradores, criamos condições para conhecer a alma do lugar, está sentida e percebida pelas pessoas que alimentavam sua existência. O bairro se apresentou em cada momento como um espaço que tinha voz, mas que precisava de uma oportunidade para ser ouvida.

Foram essas falas que nos apresentaram um bairro desigual, que segundo seus moradores passavam uma imagem de espaço carente e estereotipado para a cidade, porém com uma forte representatividade cultural, sendo ela fundamental para que o bairro pudesse criar uma identidade.

Cada palavra que ouvíamos dos entrevistados trazia em si uma história de vida que embora individual fosse compartilhada por muitos daqueles moradores. Em seus depoimentos eles puderam contar suas próprias histórias, muitas vezes ainda não escrita em livros, daí a grande importância das entrevistas nessa pesquisa.

Percebemos que as falas nos remetiam a um apego pelo espaço, que assim sendo se transformava na categoria geográfica lugar à medida que elas revelavam os relatos de uma construção da memória baseada na vivência de seus depoentes que consigo traziam aquela lembrança da infância quando os pais se tornaram grandes influenciadores para que hoje eles pudessem se inserir nas práticas culturais que no bairro continuam a existir.

Essas falas nos trouxeram muito mais que descrições elas representam uma história construída, que nos permitem conhecer os motivos pelos quais essas práticas culturais continuam a existir, se tornando um preponderante mecanismo de manutenção dos laços de vizinhança, preservando os valores comunitários como a solidariedade, permitindo que seus moradores e mesmo aqueles que ali estão apenas como brincantes possam se reconhecer.

A pesquisa nos direcionou para a compreensão do bairro, enquanto espaço humanizado da cidade, dotado de particularidades, estas construídas por seus moradores que ali através de suas práticas cotidianas se socializam. O tempo é interpretado como fator de apego pelo local, dado ao maior convívio entre os moradores, entretanto ele não garante a identificação com ele, sendo necessário o

envolvimento com a comunidade e a vizinhança para que exista uma relação topofílica, aí predominando o tempo psicológico.

É essa relação que permite que os moradores não queiram se mudar do bairro, mesmo quando os jovens se casam, eles costumam construir sua casa, dentro do espaço do terreno da casa dos pais, alegando não quererem perder os vínculos com o bairro e com isso com a sua própria história que diariamente se constrói e se fortalece de forma telúrica.

O sentido comunitário do bairro é dado mediante a proximidade, não apenas aquela física, uma vez que o bairro possui uma pequena extensão territorial, mas aquela da contigüidade, a do compartilhamento de um cotidiano que inter-relaciona seus habitantes, possibilitando o acontecer solidário e a criação de laços culturais que reforçam a significação mútua do morador com o bairro, reconhecendo-o como lugar.

As práticas culturais existentes no bairro, a partir da vivência que tivemos com elas, seja por meio das entrevistas que fizemos com seus brincantes, vídeos que assistimos ou os ensaios que presenciamos, reforçam a idéia da construção comunitária dessas manifestações que representam uma grande diversão, é um espaço que a população encontra para se socializar construindo com seus espetáculos a história do próprio bairro.

Essas manifestações nos permitiram ver a função que lhe é atribuída também como um elemento propiciador de um novo olhar sobre o bairro, que passa a ser exaltado por suas potencialidades culturais e não por uma visão inferiorizada muitas vezes veiculada pela mídia.

Elas são produtoras de significados para a população, que quando perguntadas sobre o fato, expressam que foram as práticas culturais que atraíram aqueles que lá não nasceram e por ligação a elas jamais pensam em abandonar o local.

Eles crêem que essas práticas continuam a existir pelo engajamento da população, que vêem ali, além de um divertimento, uma divulgação positiva do bairro, fazendo com que seus moradores percebam o potencial cultural que ele possui; assim possibilitando a criação de uma identidade cultural para o lugar, ligando mais intensamente as pessoas e garantindo a permanência da transmissão desses saberes para as gerações vindouras, ligando-os emocionalmente.

Muitas vezes essas práticas foram experienciadas pelas pessoas ainda muito cedo, quando seus pais as levavam ainda crianças para participarem, o que segundo eles, motivaram-nos a conhecer cada vez mais aquilo. Vivenciando uma experiência pessoal e sentimental, permitindo-lhes se reconhecerem como parte integrante dessa grande reunião humana que celebra, sobretudo, a vida, a vida em comunidade.

Embora atualmente essas manifestações tenham sofrido modificações, quer seja de ordem estrutural ou visível, elas continuam a dar sentido a um bairro que a resignifica mediante a busca de seus anseios. Seus brincantes abrem mão de outras formas de lazer, que a eles poderiam vir prontas para serem consumidas, para construir aquelas sentidas, onde nelas eles percebem estar produzindo bens materiais que são visíveis na materialização do festejo, assim como produtos simbólicos que permitem reforçar o reconhecimento com o lugar, apresentado por meios destas manifestações de forma positiva para a cidade.

## 5 – REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wellington. **Cidade de João Pessoa: A memória do tempo**. 3ªed. Edições FUNESC. Governo do Estado da Paraíba. 2002.

ALMEIDA, Magdalena. **Quadrilha junina: história e atualidade: um movimento que não é só a imagem**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2001.

ARCHELA. R.S, GRATÃO, L.H. B, TROSDORF, M.A.S. **O lugar dos mapas mentais na representação do lugar**. In: Revista de Geografia. UEL. Disponível em: <http://www2.uel.br/revistas/geografia/v13n1eletronica/7.pdf> > Acesso 10 out 2010.

AUGÉ, MARC. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 7ªed. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP. Papyrus, 1994. - Coleção Travessia do Século.

CALVINO, ITÁLO. **As cidades invisíveis**: Tradução Diogo Mainardi- São Paulo: Companhia das letras. 1990.

CANCLINI, Nestor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11ª Ed. São Paulo: Global, 2002.

CASTRO, Iná Elias de. (org.) **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.) et. al. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 3a ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CERTEAU, Michel de, **A Invenção do Cotidiano**, vol. 1, Petrópolis, Vozes, 1994.

CORDEIRO, Graça Índias & COSTA, António Firmino da. (1999), "**Bairros: contexto e intersecção**", in Gilberto Velho (org.), *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor

CORDEIRO, Graça Índias & VIDAL, Frédéric. (orgs.). **A Rua: espaço, tempo, sociabilidade**. Lisboa: Livros horizonte, 2008.

CORRÊA. Roberto Lobato. **A dimensão cultural do espaço: alguns temas**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura, n.1, out. 1995.

CORRÊA. Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA, Benhur Pinós. **As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano**. In: ROSENDAHL, Zeny, CORREA, Roberto Lobato (orgs.). Geografia: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.p.79-111.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

FERREIRA, Luiz Felipe. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo**. In: Revista Território. Rio de Janeiro, ano V, n 9,PP 65-83.jul/dez..2000. Disponível em: <[http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/09\\_5\\_ferreira.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/09_5_ferreira.pdf)> Acesso em 11 de janeiro de 2011.

FREIRE, Juliana. **Pouca verba traz dificuldade para a agremiação do Carnaval tradição**. Portal PB 1. Cultura. 09 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://pb1.com.br/cultura/teatro/falta-de-verba-e-principal-dificuldade-enfrentada-pelos-organizadores-dos-desfiles-do-carnaval-tradicao>> Acesso em 15 fev 2011.

FRÉMONT, Armand. **La region espace vécu**. Paris: Flammarion, 1999.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade na Pós- modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopez Louro. 7. Ed. Rio de Janeiro. DP&A. 2002.

IBGE. **Contagem da população 2007 Agregados por Setores Censitários**. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. 2007.

HOLZER, Werther. **O Lugar na Geografia Humanista**. In: Revista Território. Rio de Janeiro. Ano IV. N.7.p 67-78. jul./dez. 1999.

JOÃO PESSOA. **Lei n. 1574, de 04 de setembro de 1998**. Dispõe sobre a nomeação e delimitação dos 60 (sessenta) bairros do Município de João Pessoa e dá outras providências. Paço da Câmara Municipal de João Pessoa, 04 set. 1998.

\_\_\_\_\_. **Lei n.10.000, de 22 de outubro de 2003**. Modifica a delimitação de bairros do município de João Pessoa, constante da Lei n.1574, de 04 de setembro de 1998 e adota outras providências. Paço da Câmara Municipal de João Pessoa, 22 out. 2003.

LEÃO BARROS, Sandra A. **Que recorte territorial podemos chamar de bairro? O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife**. 2004. Disponível em: <http://en.scientificcommons.org/21328092>. Acesso em 15 de agosto de 2010.

LIMA, Cláudia Maria de Assis Rocha. **História Junina**. Recife. Secretaria de Turismo e Prefeitura do Recife. 1997. Ed. Especial

LIMA, Elizabeth Cristina de Andrade. **A Fábrica dos Sonhos: A invenção da festa junina no espaço urbano**. João Pessoa. Idéia, 2002.

McDOWELL, Linda. **A transformação da geografia cultural**. In: GREGORY, Derek, MARTIN, Ron, SMITH, Graham. Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: Cultura Popular e lazer na cidade**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/ UNESP, 1998.

MAIA, Doralice Sátyro. **A Geografia e o uso dos costumes e tradições**. Terra Livre, n.16, São Paulo, 2001. AGB. Diretoria Executiva Nacional Revista indexada. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/files/TL\\_N16.pdf#page=71](http://www.agb.org.br/files/TL_N16.pdf#page=71)> Acesso em 10 out 2010.

MAYOL, Pierre. **O bairro**. In: CERTAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 2.Morar,cozinhar. 3a ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MENDES, Eluziane Gonzaga. **A etnografia como trilha metodológica**. In: VASCONSELOS, J.G; SANTANA, J.R. et al.(orgs.).História da educação brasileira: nas trilhas da pesquisa.Fortaleza: Edições UFC,2010

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. 11ªed.Hucitec, São Paulo, 1992.

NASCIMENTO, Mayk Andreele do. **Cultura popular nos bairros do Roger e Tambiá: Cotidiano, costumes e resistência**. In: CAOS- Revista eletrônica de Ciências Sociais. n.12.setembro de 2008. p.46-125. Disponível em <[http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero12/REVISTA\\_12\\_2007\\_MAYK.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero12/REVISTA_12_2007_MAYK.pdf)> Acesso em 19 de outubro de 2010.

OLIVEIRA, Rafael. **Escolas de samba aceleram preparação depois de apoio**. O Norte. Dia- a- dia. João Pessoa. 09 de fevereiro de 2011. Disponível em: <[http://www.jornalonorte.com.br/2011/02/09/diaadia8\\_0.php](http://www.jornalonorte.com.br/2011/02/09/diaadia8_0.php)> Acesso em 15 fev 2011.

PALMEIRA, Balila, DIAS, Messina Palmeira. **Bairro do Miramar: sua história, seus moradores**. João Pessoa: Grafisi, 1997.

PEREIRA, Ilaina Damasceno. **Lugares no bairro: uma abordagem etnográfica no Benfica**. Dissertação de Mestrado em Geografia, UFC. 2008.

PESSOA. Victor Chacon da S. **O que há de novo na noite de São João? (Re)significação dos festejos juninos na comunidade do Roger- João Pessoa/PB**. Monografia em Geografia, UEPB- Guarabira, 2007.

RACINE, Jean Bernard. **Entre o paradigma crítico e as visões humanistas**.(tradução livre). In: Penser la ville théories et modeles, Deryke, P.H; Huriot,Jean-Marie;Pumain Denise;(org).Paris: Antropos.1996.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1987. Biblioteca Carioca, 4.

RODRIGUEZ, Janete Lins. **Crescimento de uma capital**. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo. 1981.

RODRIGUEZ, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade**. São Paulo. Brasiliense. 1962.

SANTOS, Milton. **O lugar e o cotidiano**. In: A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. (Coleção Milton Santos; 1).

\_\_\_\_\_. **O Espaço do Cidadão**. 6ª ed. São Paulo. Studio Nobel, 2002. Coleção Espaços

\_\_\_\_\_. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. **Espaço & método**. São Paulo: Nobel, 1985. (Coleção espaços)

SEABRA, Giovanni Farias, NAU, Cláudia. **Lixão do Roger: habitat urbano do homem urubu**. Janeiro/junho de 2003. Disponível em: [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/787F719BF2EE39C203256F9B004C26F4/\\$File/NT000A36CA.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/787F719BF2EE39C203256F9B004C26F4/$File/NT000A36CA.pdf)> Acesso em 14 fev 2011.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida do espírito**. In: FORTUNA, Carlos. Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Sociologia. Edição portuguesa, 1997: Celta editora. P. 31-43.

SILVA, Regina Celly Nogueira da. **As singularidades do bairro na realização da cidade: Um estudo sobre as transformações na paisagem urbana do bairro Torre na cidade de João Pessoa – PB**. USP, 1999. Dissertação de Mestrado.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção. Atitudes e valores do meio ambiente**. Traduzido por: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

VASCONCELOS JÚNIOR. Raimundo Elmo de Paula. **Quem é de Benfica- o lugar da sociabilidade e espaço das práticas de resistência**. Fortaleza-UECE. 1999. Dissertação de Mestrado.

VELHO, Gilberto. **O desafio da proximidade**. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. (org.) pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

YAZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: Turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. 2ª Ed. São Paulo. Contexto: 2001.

## DISCOGRAFIA

CASA PEQUENO DAVI. **Vídeo institucional**. Disponível em:  
<http://www.pequenodavi.org.br/>. Acessado em 15 de janeiro de 2012.

GONZAGUINHA, **O homem falou**. Gonzaguinha no samba. Coletânea EMI, p.1993.

MONTEIRO, Alcymar. **Festrilhas**. Cultura Brasileira – Ao vivo. DVD - AÚDIO. Ingazeira Produções. 2007.

RAMALHO, Elba. **Raízes e antenas - ao vivo**. DVD. Sony & BMG. Brasil-2008  
Direção geral Fabiana Prado.

Império, Manu do. **Quem disse que o Roger não dá samba**. Samba enredo da Escola de Samba Império do Samba. 2011

## APÊNDICE



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA**

**Roteiro de entrevista semi-estruturada 1  
Público alvo: Moradores antigos**

1. Qual sua visão sobre a cidade de João Pessoa?
2. Que lugares da cidade você frequenta no seu dia-dia? O que os leva até eles?
3. Fale-me sobre sua história com o bairro. Que lembranças você possui da sua infância?
4. Quando falamos no bairro do Roger, quais são os lugares que não podemos deixar de lembrar e como você se relaciona com esses lugares?
5. O bairro possui uma vida cultural muito intensa. Qual (is) a(s) manifestação (ões) cultural (ais) dos festejos juninos e do carnaval no bairro que você conhece? Qual a sua relação com elas?
6. Você acredita que essas festas possuam alguma importância para o bairro? Em caso afirmativo qual (ais) seria(m)?



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA**

**Roteiro de entrevista semi-estruturada 2  
Público alvo: brincantes**

1. Conte-me sobre sua história com esse grupo. Como chegou até ele? Porque escolheu fazer parte dele?
2. Como você vê a relação entre as manifestações culturais do bairro?
3. De onde provem o seu sustento para custear o seu figurino e/ou fantasia?
4. Como você vê a produção da quadrilha desde o primeiro ensaio até o dia da primeira apresentação?
5. Qual sua opinião sobre os concursos de quadrilhas e/ou escolas de samba? Que repercussão eles tem para o grupo ao qual você faz parte?
6. Que diferencial existe entre o grupo que você faz parte e os demais do bairro?



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA**

**Roteiro de entrevista semi-estruturada 3  
Público alvo: coordenadores das manifestações culturais**

1. Qual a história do grupo que você coordena?
2. Como você vê a organização das quadrilhas e/ou escolas de samba em João Pessoa?
3. Qual o grande atrativo do grupo que você coordena?
4. Ao que você atribui o fato de ter brincantes de outros bairros e até municípios fazendo parte do grupo que você coordena?
5. Você considera que existe uma relação entre o grupo que você coordena e a atividade turística? Em caso afirmativo, explique como ela se dá.
6. Quais os títulos e/ou apresentações que você considera importante(s) para o grupo? Que repercussões eles trouxeram?
7. Como a temática que o grupo irá desenvolver anualmente é trabalhado? Como se dá sua definição?
8. Quais as dificuldades enfrentadas pelo grupo?
9. O que você considera importante para garantir a permanência do grupo?

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

### Transexual preside Escola de Samba campeã na Paraíba



» 07/02/2008 @ 14h01min » Publicado por: @mr\_biglia » Assunto(s): Eventos, Geral

A Escola de Samba Império do Samba, presidida pela transexual e militante do Movimento GLBT, **Fernanda Benvenutt** (foto), foi a campeã dos desfiles de domingo, 02 de fevereiro, em João Pessoa, na Paraíba.

Tendo como enredo os quatro elementos da Terra – fogo, terra, água e ar -, a Império do Samba apresentou ao público da capital paraibana seus 650 componentes distribuídos por 12 alas, 4 carros alegóricos, 2 casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, comissão de frente, destaques e ala das baianas.

A Escola foi eleita campeã com 7 notas 10, de um total de 8 notas possíveis. A presidente da Império do Samba dedicou a vitória a todos os integrantes da Escola à comunidade do Roger, bairro onde se encontra a quadra da Escola. Fernanda também dedicou o título ao companheiro João Balula, que mesmo sendo de outra agremiação, segundo Fernanda, é figura indispensável no carnaval paraibano.

Disponível em: <http://www.universomix.info/wp/geral/transexual-preside-escola-de-samba-campea-na-paraiba/>. Acessado em 15 de fevereiro de 2011.

# Show O NORTE

João Pessoa/PB - Quarta-feira, 7 de julho de 2004



Fazenda Paraíba - Bicampeã do São João da Capital

## Fazenda Paraíba no Dança na Área Grupo mostra no Sesc espetáculo inspirado no Jeca Tatu

Nesta quarta-feira, 7, a partir das 12h00, na Área de Lazer do Sesc Centro o público paraibano terá a oportunidade de assistir a apresentação da Fazenda Paraíba, que é Bicampeã do São João de João Pessoa, três vezes vice-campeã estadual, tendo sido esse ano vice campeã municipal e estadual. Em 2002, como forma de premiação do São João de João Pessoa, a Fazenda Paraíba fez a abertura do primeiro São João Oficial da Cidade do Rio de Janeiro juntamente com o lançamento do CD "Elba canta Lutz", evento produzido pela própria Elba Ramalho.

No espetáculo de hoje, a Fazenda Paraíba vai apresentar o espetáculo "A Divina Viagem de Encantos e Magias no Sorrito de Jeca Tatu", com direção de Dam Fylio e coreografia de Luciano Peixoto, onde o público terá a oportunidade de voltar aos tempos do Jeca Tatu, onde 60 dançarinos irão fazer alusão às diversidades culturais brasileiras. Será repre-

sentado um panorama de norte a sul do país e suas manifestações, usando como base o sorrito do homem nordestino em conhecer a riqueza cultural do Brasil.

O espetáculo tem início com Jeca Tatu, como representação do homem nordestino, que tem seus desejos de conhecer e trilhar novas experiências. A partir do sorrito, ele começa a vivenciar as manifesta-

ções culturais, começando pelo Norte com o Boi de Parintins, des-

envolvido pelo centro-oeste com a construção e inauguração de Brasília, passando pela Festa da Uva na região sul, subindo pelo sudeste com a Festa do Divino Espírito Santo, encerrando sua aspiração no Nordeste, mostrando como o homem nordestino construiu e fez parte de todas essa evolução brasileira, descobrindo a necessidade de valorizar suas raízes.

O grupo vai iniciar os trabalhos para a temporada de 2005. Esses trabalhos são iniciados através de pesquisas históricas para dar subsídio para execução do tema, que já está definido. São oficinas de figurino, adereços, coreografia, maquiagem, música, arran-

jo juntamente estudados de grupo fazem a capacitação do elenco.

Em agosto, começam as oficinas seletivas, onde as pessoas que se interessam podem ter a oportunidade de passar pelo processo de seleção que acontece de forma gradativa, a partir do desempenho nas oficinas de danças rítmicas, expressão corporal, expressão facial, ballet, recursos humanos.

Serão selecionados apenas 20 figurantes e 40 dançarinos. Para fazer parte do grupo de dançarinos da Fazenda Paraíba, as inscrições estarão abertas a partir do dia 19 deste mês, com Dam Fylio no número 8803 4661 será cobrado uma taxa inicial de R\$ 10,00.

## ANEXO 3



Projeto  
**Teatro à Boca da Noite**

Apresenta:

**14/06 - 20h00**  
(quarta-feira)

**Local:**  
**Theatro Santa Roza**

*Quadrilha Junina*  
**Paraiba**

*Quadrilha Junina*  
**Fogueirinha**

**INGRESSOS: R\$ 2,00 (Dois Reais)**

Realização  
**SES**  
Paraib

The poster features a central photograph of three women in white, feathered costumes, likely representing the 'Fogueirinha' quadrilha. The text is arranged in a clear, hierarchical manner, with the event name and date at the top, followed by the location, the names of the quadrilhas, and the ticket price. The logo for 'Teatro à Boca da Noite' is in the top left, and the organizing institution 'SES Paraib' is in the bottom right.

## ANEXO 4

O Governo do Estado da Paraíba apresenta

# OSPB

## Orquestra Sinfônica da Paraíba

*Orgulho da nossa terra*

CONVIDA

# Flavio José

Regência | Luiz Carlos Durier  
Arranjos | Rogerio Borges Chiquito.

Participação da quadrilha Lageiro Seco

Espaço Cultural José Lins do Rego  
**21 de maio de 2008**  
Praça do Povo  
**19:30 h**

GOVERNO DA PARAÍBA

FUNESC

OSPB  
Orquestra Sinfônica da Paraíba

Apoio: GRÁFICA JB

Sergio Melo